# EDGAR RODRIGUES

# HISTÓRIA DO MOVIMENTO ANARQUISTA NO BRASIL

*O motor de propulsão do movimento anarquista no Brasil veio da Itália, foram os imigrantes deste país que sacudiram e agitaram com maior intensidade a questão social, as reivindicações e começaram uma propaganda sistemática do anarquismo e do anarco-sindicalismo. Em idioma italiano ou em português, publicaram dezenas de jornais, fizeram centenas de palestras, realizaram espetáculos teatrais com peças revolucionárias e por isso muitos foram presos, expulsos e outros tiveram de mudar de atividades para se esconder, embora uns poucos também tenham melhorado de vida e abandonado as idéias.*

*Dessa sementeira que envolveu em primeiro plano os italianos, seguidos e apoiados por portugueses, brasileiros, espanhóis e outros, circularam pelo Brasil mais de uma centena de jornais e revistas (entenda-se títulos) anarquistas e anarco-sindicalistas, sendo quatro diários; fundaram e dirigiram escolas de ensino racionalista, formaram grupos de teatro e representaram mais de uma centena de peças libertárias e anticlericais, fizeram comícios públicos contra a guerra, o serviço militar obrigatório, reduziram a jornada de trabalho (quando chegaram oscilava entre 16 e 10 horas diárias), bateram-se pela higiene e segurança no trabalho, por uma infinidade de melhorias tornando o trabalho menos penoso para o proletariado do Brasil.*

*Hoje, o anarquismo não assusta mais ninguém no Brasil. Palavra temida, ridicularizada, esta filosofia de vida resiste ao tempo e virou tema de teses de doutoramento, peças de teatro, novelas exibidas na televisão e filmes de curta e longa metragem.*

*Os anarquistas do Brasil – salvo os que se dizem e não se encontraram ideologicamente – continuam com Kropotkine: "Quem acha que uma instituição de formação histórica pode servir para devolver privilégios que ela mesmo desenvolveu mostra com isso a incapacidade de compreender o que significa a vida de uma sociedade, uma formação histórica. Deixa de aprender a lei básica de todo o desenvolvimento orgânico, isto é, que novas funções requerem novos órgãos e que estes se devem criar por si mesmos."*

# HISTÓRIA DO MOVIMENTO ANARQUISTA NO BRASIL

Edgar Rodrigues

Ateneu Diego Giménez
2010

Edições originais:
História do Movimento Anarquista no Brasil – *In*: Universo Ácrata. Editora Insular, Florianópolis, 1999. Pequena História da Imprensa Social no Brasil. Editora Insular, Florianópolis, 1997. Cronologia do Utopismo e Socialismo no Brasil. Digitalizados por Arquivo de História Social Edgar Rodrigues.
A Comunidade Libre de Erebango. *In*: Libertários no Brasil. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987. Digitalizado por Coletivo Otite.
Os Pedreiros da Anarquia. Verve, 7-8. NU-SOL, Campinas, 2005

Coletânea e diagramação:
Ateneu Diego Giménez
COB-AIT
Piracicaba, 2010

http://ateneudiegogimenez.wordpress.com
http://cob-ait.net
http://www.iwa-ait.org

## HISTÓRIA DO MOVIMENTO ANARQUISTA NO BRASIL

Com 8.511.965 km² e uma população de cerca de 160 milhões de habitantes, "encontrado pelos navegadores portugueses em 1500", colonizado à força de chicotadas e da decepação de pares de orelhas com as mãos dos capitães do mato", cresceu pela força do trabalho escravo, como os demais países "descobertos" por espanhóis, italianos, holandeses, franceses, ingleses e outros.

A questão social começou quando uns poucos figurões alugaram e compraram braços humanos para desbravar a terra, abrir estradas, construir pontes, moradias, carruagens e tudo o mais capaz de proporcionar uma vida confortável aos comandantes da miséria e do progresso do Brasil.

Nos quase 500 anos de história aconteceu de tudo um pouco: compra e venda de gente como nós nos leilões em praça pública, uso de escravos novos para reproduzir filhos (mão-de-obra com pouco custo e nenhum risco) com escravas sadias, trabalho pela comida, trapaças para tomar terras férteis aos nativos, prisões, espancamentos a gosto dos patrões e tudo o mais que o cérebro humano é capaz de imaginar para dominar seus semelhantes. E eram todos boas almas tementes a Deus...

A opressão seguiu-se às fugas e à formação dos quilombos, o mais importante foi instalado em Palmares (1602-1695), resistiu quase um século, teve 20 mil habitantes vivendo em comunidade sem leis nem amos. Zumbi e seus companheiros anteciparam-se a Tiradentes dois séculos tentando formar uma nação dentro do Brasil.

Independente em 1822, no grito do português Pedro I (4º de Portugal), o Brasil foi palco de muitas fugas e revoltas populares: a Setembrada e a Novembrada (1831); Levante de Ouro Preto (1833); a Sabinada (1837); a Balaiada (1838); a Cabanagem (1835-1840); a Guerra dos Farrapos (1835-1845); a Revolução Liberal (1842); a Revolução Praieira e a Proclamação da República em 1889. Pouco antes (13 de maio de 1888) havia sido promulgada a Lei Áurea acabando com a prática de comprar e vender gente.

A rebeldia iniciada na contramão pretendia mudar a prática patronal, surrada, vergonhosa, anti-humana!

Do velho mundo chegavam as idéias revolucionárias de navio, em livros publicados na Europa. Entravam pelos portos do Rio de Janeiro, de Santos, atravessavam as fronteiras invadindo o Brasil um pouco na cabeça de cada imigrante que vinha em busca de liberdade e de terra fértil para semear o anarquismo.

Nas duas últimas décadas do século 19 alguns jovens brasileiros foram estudar na França e em Portugal e lá souberam das idéias libertárias. Outros estudaram no Brasil mesmo e encontraram livros de Kropotkine nas livrarias e na leitura respostas para suas inquietações.

É dessa época Manuel de Mendonça, autor da novela social "Regeneração". O médico e higienista Fábio Luz encontrou na Bahia Palavras de um Revoltado, de Kropotkine, leu essa revolucionária obra e tornou-se anarquista. Escreveu e publicou Ideólogos e Os Emancipados, duas obras libertárias do início do século 20, sendo desde então considerados os primeiros escritores brasileiros a tratar da questão social no romance.

Aos dois intelectuais anarquistas juntaram-se Elísio de Carvalho, o estudante

de medicina J. Martins Fontes, Pedro do Couto, Rocha Pombo, Pausilipode da Fonseca, João Gonçalves da Silva e Maximino Maciel, formando o grupo que publicou, no Rio de Janeiro, mais adiante, a revista Kurtur, e fundaram a Universidade Popular, em 1904, duas iniciativas anarquistas.

Avelino Foscolo, começou em Minas Gerais, Reinaldo Frederico Greyer, no Rio Grande do Sul, Ricardo Gonçalves (tem uma rua com seu nome em São Paulo), Benjamin Mota, Edgard Leuenroth e João Penteado, em São Paulo; Orlando Corrêa Lopes, Francisco Viotti, Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto e José Oiticica, no Rio de Janeiro. De Portugal chegou Neno Vasco, um ilustre advogado, fez escola como anarquista em São Paulo (1901-1911), entre outros responsáveis pela sementeira anarquista no território brasileiro.

Em 1890 chegaram da Itália Giovani Rossi e seus companheiros para fundar a Colônia Cecília no Paraná.

A São Paulo, Guararema, chegou o italiano Artur Campagnoli e aos poucos Gigi Damiani, Alexandre Cherchiai, Oresti Ristori, Frederico Kniestedt, valorosos militantes italianos e de outros países que, depois de dar um salto no escuro para se ajustar ao clima tropical, às formas de trabalho, aos costumes, à alimentação, ainda tiveram que aprender o idioma português. A única coisa que pouco diferenciava o Brasil da Europa era a questão social, a exploração do homem pelo homem.

Lícito é destacar que o motor de propulsão do movimento anarquista no Brasil veio da Itália, foram os imigrantes deste país que sacudiram e agitaram com maior intensidade a questão social, as reivindicações e começaram uma propaganda sistemática do anarquismo e do anarco-sindicalismo. Em idioma italiano ou em português, publicaram dezenas de jornais, fizeram centenas de palestras, realizaram espetáculos teatrais com peças revolucionárias e por isso muitos foram presos, expulsos e outros tiveram de mudar de atividades para se esconder, embora uns poucos também tenham melhorado de vida e abandonado as idéias.

Dessa sementeira que envolveu em primeiro plano os italianos, seguidos e apoiados por portugueses, brasileiros, espanhóis e outros, circularam pelo Brasil mais de uma centena de jornais e revistas (entenda-se títulos) anarquistas e anarco-sindicalistas, sendo quatro diários; fundaram e dirigiram escolas de ensino racionalista, formaram grupos de teatro e representaram mais de uma centena de peças libertárias e anticlericais, fizeram comícios públicos contra a guerra, o serviço militar obrigatório, reduziram a jornada de trabalho (quando chegaram oscilava entre 16 e 10 horas diárias), bateram-se pela higiene e segurança no trabalho, por uma infinidade de melhorias tornando o trabalho menos penoso para o proletariado do Brasil. Mais de um milhar foram expulsos com a roupa do corpo acusados de agitadores estrangeiros, umas dezenas morreram lutando com a polícia. O primeiro anarquista assassinado foi o italiano Polenice Mattei, em São Paulo, no dia 20 de setembro de 1898.

Para se entender a trajetória do anarquismo no Brasil, confundido com o movimento sindicalista revolucionário ou anarco-sindicalista, é preciso definir ainda resumidamente o que os distingue e por que se confundem.

Movimento Anarquista: ação de grupos anarquistas, em conjunto ou separadamente, composto por células orgânicas, comunas, grupos, centros de estudos,

uniões e federações.

O movimento anarquista não é exclusivamente uma organização de operários para operários, é ação de indivíduos que se opõem e dão combate ao capitalismo, almejando a derrocada do Estado e a reconstrução de uma Nova Ordem Social, descentralizada horizontalmente, autogestionária. Não é a revolta dos estômagos, é a revolução das consciências! O Movimento Anarquista não se firma na luta de classes ou pretende instalar os governados no lugar dos governantes, seus fins são de acabar com as classes, tornar o homem irmão do homem, independente de cor, idade ou sexo. Não visualiza a igualdade metafísica ou de tamanho, força, necessidades, quer a igualdade de possibilidades, de direito e deveres para todos.

Anarco-Sindicalismo: corrente sindicalista, assim chamada a partir da cisão provocada no 5º Congresso da AIT (Primeira Internacional dos Trabalhadores), em Haia, no ano de 1872, adotada pela maioria dos operários do Brasil até a implantação dos sindicatos fascistas pelo Estado Novo de Vargas, em 1930.

O anarco-sindicalismo é ao mesmo tempo uma doutrina e um método de luta.

Como doutrina, parte do trabalhador, célula componente da sociedade que pretende aperfeiçoar e desenvolver. Como método de luta, pretende a anulação do sistema capitalista pela ação direta, pela greve geral revolucionária e a substituição por uma sociedade gerida por trabalhadores em autogestão. Sua força reside no conjunto de organizações operárias (sindicatos, uniões e federações) voluntárias, livremente associadas.

A diferença entre sindicalismo e anarquismo consiste nos métodos e alcance. O movimento anarquista é de indivíduos, pretende torná-los unidades ativas, independentes, capazes de produzir e gerenciar em autogestão, sem as muletas políticas, religiosas, sem chefes: vai até onde a liberdade e a inteligência o possa levar. O sindicalismo é um movimento de operários (inclusive de ofícios vários), voltado mais para a gerência da produção e do consumo. Seu espaço é limitado, materialista, sem a dimensão e o alcance de filosofia de vida do anarquismo.

Bolchevismo: Variedade de socialismo. Doutrina política dos democratas russos que desejavam a aplicação integral do programa máximo de Lenin e Plekhanov. É empregado também como sinônimo do comunismo e do marxismo. Nasceu em agosto de 1903, durante o 2º Congresso do Partido Social Democrata Russo, iniciado em Bruxelas e terminado em Londres. Chegou ao Brasil depois da Revolução Russa de 1917, ganhando corpo com a formação do PCB em 1922. Disputou com os anarco-sindicalistas a supremacia dos sindicatos, transformando-se desde então num sério opositor aos movimentos anarquista e sindicalista.

Revendo a caminhada histórica do movimento libertário brasileiro, descobre-se que andaram pelo Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo socialistas da escola de Fourier, Garibaldines, Maria Baderna da escola de Mazini; anarquistas adeptos de Proudhon e Bakunin e revolucionários da Comuna de Paris chegados clandestinamente ao Brasil em busca de asilo político.

Para o autor a história do anarquismo em terras brasileiras começou a ser escrita efetivamente em 1888 com a chegada de Artur Campagnoli. Foi este bravo militante italiano, artista joalheiro, falecido em 1944 em São Paulo, quem teve o mérito de fincar o mais visível e incontestável marco anarquista no Brasil. Chegou a

São Paulo em 1888, comprou uma área de terra considerada improdutiva e fundou a Colônia Anarquista de Guararema, com ajuda de libertários russos, franceses, espanhóis, italianos (a maioria) e nas décadas de 20 e 30 teve a colaboração de brasileiros. Dois anos mais tarde veio o engenheiro agrônomo Giovani Rossi e cerca de 200 imigrantes da Itália, em duas levas, para fundar a Colônia Cecília no Paraná. Esta experiência ácrata resistiu de 1890 a 1894 às investidas do governo da República, que acabava de implantar-se no Brasil. Asfixiada por cobranças de impostos indevidos, pelas invasões militares, os mais resistentes esperaram a expulsão, radicando-se nas imediações para olhar de longe a palmeira onde por quatro anos tremulou a bandeira preta e vermelha do Anarquismo.

São desta mesma época os periódicos ácratas: Ghi Schiavi Bianchi, São Paulo, 1892, em idioma italiano e tendo como diretor Gallileu Botti; L'Avenire, São Paulo, 1893, em italiano e português; Il Risveglio, São Paulo, 1893, em italiano.

O Libertário, em português, saiu em 1898, em São Paulo, sob a direção de Benjamim Mota; O Despertar, Rio de Janeiro, em 1898, sob a direção de José Sarmento Marques, e em janeiro do mesmo ano de 1898 realizou-se o Primeiro Congresso Operário no Rio Grande do Sul com a participação de dois centros anarquistas. Em 20 de setembro foi assassinado Polenice Mattei, o primeiro mártir do anarquismo, em São Paulo, Brasil.

Em mais de cem anos, o movimento anarquista do Brasil sofreu inúmeros revezes. Chegou a contar com o apoio de quatro diários, dezenas de semanários, mensários, bimensários e periódicos. Atravessou fases dificílimas sem nenhum porta-voz nem poder reunir seus militantes.

Nesse mesmo período foram publicados alguns livros e folhetos, a maioria por iniciativa de grupos libertários que se cotizavam para angariar recursos com os quais custeavam edições. As obras clássicas foram lançadas por editoras comerciais. Somado o esforço dos libertários às iniciativas dos livreiros, o número de títulos de livros publicados em terras brasileiras pouco excede as duas dezenas até 1960.

Em 1964 chegou a ditadura militar e com ela um frutífero período de grande efervescência editorial de obras libertárias. Paralelamente à repressão, escritores e editoras afrontaram a ditadura na década de maior repressão (1970-1980), prosseguiu durante a varrida do entulho autoritário, entrando na "nova-velha república" pesquisando e publicando livros ácratas.

O anarco-sindicalismo e o anarquismo caminharam no Brasil muito entrelaçados enquanto movimento. Sua distinção era notada na imprensa.

Mais preocupados com a ideologia, os anarquistas desenvolviam um trabalho educativo. Viam no elemento humano a "peça" mais importante a preparar, tanto no terreno profissional quanto no cultural, a fim de que cada militante fosse capaz de se autogerir sem muletas religiosas, patronais ou policiais. Colocava sempre os cérebros acima dos estômagos.

Com estes objetivos os anarquistas fundaram escolas livres, universidades populares, grupos de teatro social, desenvolveram intensa propaganda educativa, sociológica, de cultura geral, libertária.

Nas duas primeiras décadas do século 20 promoveram manifestações estrondosas na defesa do fundador da Escola Moderna, Francisco Ferrer y Guardia, e

de companheiros presos, torturados e expulsos do Brasil. Apoiaram e ajudaram os trabalhadores russos quando da revolta de 1905, os mexicanos em 1910, os russos em 1917, reverenciavam os Mártires de Chicago, no dia 1º de maio, e não esqueciam as vítimas do capitalismo selvagem no Brasil e no mundo.

Durante a guerra de 1914-1918, os libertários brasileiros atuavam em diversas frentes, em nível de Brasil: contra o desemprego, o aumento do custo de vida, a escassez de alimentos de primeira necessidade, combatiam a burguesia açambarcadora, o clero corruptor das mentes, o Estado "pai de todos", que garantia inclusive a carnificina humana nos campos de batalha.

Para minimizar a fome, o governo, pressionado pelo proletariado libertário que fazia comícios nas portas das fábricas, autorizou a venda de gêneros diretamente do produtor ao consumidor (processo hoje conhecido como feiras livres, um pouco mudado) sem taxação de impostos.

Em nível internacional realizaram o Congresso Pró Paz, no Rio de Janeiro, e enviaram três delegados ao Congresso realizado no Ateneu Sindicalista do Ferrol, em 1915, dissolvido aos tiros pelo governo espanhol.

O que aconteceu com os representantes do movimento anarquista brasileiro aparece no seguinte texto:

> *Realizou-se na quarta-feira à tarde, no largo de S. Francisco, um comício convocado pela Comissão Popular de Agitação Contra a Guerra formado de representantes de várias agremiações operárias daquela cidade.*
>
> *Abriu o meeting às 5 horas e pouco João Gonçalves da Silva, que explicou os fins do mesmo, que era protestar principalmente contra a proibição feita pelo governo espanhol à reunião do Congresso Internacional Pró Paz de Ferrol.*
>
> *Seguiram-se com a palavra José Elias da Silva e Dr. Orlando Corrêa Lopes, atacando os governos da Europa e mostrando que o proletariado é o único a sofrer com a conflagração, devendo ele, portanto, rebelar-se contra e esforçar-se por lhe pôr um paradeiro.*
>
> *Falou depois a operária Juana Buela, companheira de João Castanheira, o operário vítima da sanha da polícia de Espanha. Profundamente emocionada Juana Buela, que leu o seu discurso, proclamou bem alto e bem firme os seus ideais revolucionários, que não esmoreceram com a morte daquele que foi o seu companheiro de vida, antes mais se arraigam e mais se acentuam.*

Por fim, Leal Júnior, usou da palavra encerrando o comício com a seguinte moção de protesto:

> *Considerando que o direito de reunião e livre manifestação do pensamento é um direito primordial conquistado, adquirido e*

*reconhecido em todo o mundo civilizado e;*

*Considerando que o Congresso Internacional Pró Paz convocado pelos elementos proletários e revolucionários de Ferrol, Espanha, e tendo por fim combinar uma ação conjunta dos proletários da Europa e da América no sentido de uma afirmação positiva e concreta contrária à guerra e favorável ao estabelecimento de uma paz real baseada na solidariedade efetiva desse proletariado, colimava um escopo altamente humanitário e de verdadeira defesa da civilização;*

*A massa popular reunida em comício organizado pela Comissão Popular de Agitação Contra a Guerra e realizado no Largo de S. Francisco de Paula, às 5 horas da tarde de hoje, deixa firmadas nesta moção as expressões de seu indignado protesto contra o ato do governo espanhol, proibindo aquele Congresso, perseguindo e deportando os delegados ao mesmo idos de outros países e assassinando, pelo instrumento da sua política, um dos delegados enviados por associações proletárias e libertárias do Brasil, o operário João Castanheira, como consta dos telegramas publicados pela imprensa desta cidade.*

*Rio de Janeiro, 12 de maio de 1915*

O comício do Rio de Janeiro terminou com grande passeata na frente da Federação Operária, no antigo Largo do Capim. Sucederam-lhe manifestações dos libertários do Paraná, Rio Grande do Sul e de diversas cidades do Estado de São Paulo. Os jornais operários e anarquistas também atacaram de rijo os beligerantes, inclusive distribuindo postais com alegorias de repulsa à guerra, produzindo grande impacto ao longo dos quatro anos em todo o Brasil.

São Paulo foi palco de greves insurrecionais em 1906 e 1907 pela conquista da jornada de oito horas diárias; em Santos as greves para conseguir as oito horas só terminaram em 1921.

O proletariado de tendência libertária procurava abrir caminho na selva capitalista deflagrando greves que vieram a desembocar na insurrecional de 1917, nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, por solidariedade.

Em 1918, movimento insurrecional explodiu no Rio de Janeiro com um saldo de três operários assassinados pela polícia carioca e cerca de meia centena de presos e deportados. Em 1919, Epitácio Pessoa aproveitou para expulsar do país três dezenas de anarquistas. Contrariando as expectativas do governo, que acreditava que com as expulsões e deportações reduzia a pujança do movimento libertário, ainda em 1919, formou-se o Partido Comunista do Brasil, de que logo se arrependeriam seus organizadores ao saber que o governo soviético prendia, torturava, matava e expulsava anarquistas que haviam ajudado a derrubar a dinastia dos Romanov.

A burguesia vivia apavorada, exigia respostas imediatas aos "desordeiros..."

Uma onda nacionalista começava a formar-se no Brasil em oposição às "esquerdas". Em 1920 são expulsos do Rio de Janeiro mais de dois mil portugueses,

pescadores de Matosinhos e da Póvoa de Varzim, vítimas desse patriotismo brasileiro. Muitos haviam chegado ao Brasil adolescentes, casados e já tinham filhos nascidos no Rio de Janeiro. O único pecado desses trabalhadores do mar era não quererem naturalizar-se brasileiros.

Uma lei vesga proibia-os de exercer suas profissões, acabando por servir ao integralista capitão Frederico Vilar, para mandar de volta gente honrada, com o aval do presidente Epitácio Pessoa.

Neste mesmo ano foram expulsos também anarquistas e anarco-sindicalistas italianos, portugueses, espanhóis, precipitando protestos de operários e intelectuais em todo o país e na Europa.

No sul, alemães e russos anarquistas marcavam suas presenças em oposição aos seus patrícios que pretendiam ficar ricos e aos brasileiros xenófobos exploradores.

Greve na indústria têxtil de Santa Catarina é o pretexto para expulsar dois anarquistas nascidos na Alemanha.

Em Porto Alegre o anarquista alemão Frederico Kniestedt abre espaço com os jornais Der Freie Arbeiter, Aktion, Alarm e o Sindicalista, os três primeiros publicados em seu idioma e o último em português.

Ainda no Sul, mais exatamente em Erebango, (Getúlio Vargas), fixaram residência e formaram uma comunidade várias famílias de russos da Ucrânia. Sua atuação anarquista é-nos contada por um dos seus componentes, Elias Iltchenco que visitamos já muito doente.

> *No ano de 1920 os emigrantes de Getúlio Vargas - ex-Erechim - já tinham condições emocionais e de locomoção e começaram a formar grupos coesos, a reunir-se uma vez por mês. Nosso grupo tinha mais de 40 membros espalhados numa área de 40 a 50 km, englobando grupos de Floresta, Erechim, Erebango e outros lugares.*
>
> *São dessa época:*
>
> *União dos Trabalhadores Rurais Russos, de Getúlio Vargas (antigo Erechim). Seu presidente chamava-se Sérgio Iltchenco, o secretário Paulo Uchacoff e o tesoureiro Simão Poluboiarinoff;*
>
> *União dos Trabalhadores Russos, de Porto Alegre. Esta tinha como presidente Niquista Jacobchenco;*
>
> *União dos Trabalhadores Rurais Russos de Guaraní, Campinas e Santo Ângelo. Componentes: João Tatarchenco, Gregório Tatarchenco e outros.*
>
> *União dos Trabalhadores Russos de Porto Lucena.*
>
> *Um dos mais ativos militantes russos no Rio Grande do Sul, distribuidor do jornal Golos Truda, publicado na América do Norte de 1911 a 1963, e de toda a propaganda escrita que chegava da Argentina, chamava-se Demétrio Cirotenco. Durante mais de duas dezenas de anos foi o mais importante elemento de ligação, o aglutinador das Uniões de Trabalhadores em Erechim e Erebango*

*principalmente. Depois sofreu um acidente e morreu, deixando um vazio entre os camponeses russos, que só em 1925 perderam a esperança de ver implantada em seu país uma sociedade de fundo e forma libertária.*

O mais eminente elemento anarquista russo no Brasil, escritor, jornalista, teatrólogo, professor e conferencista carregava uma barba semelhante a de Kropotkine e chamava-se Ossef Stepanovetchi. Era natural da Ucrânia e marcou a sua presença no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba-Paraná, onde faleceu.

Os jornais mais lidos entre os emigrantes chegavam da Argentina, Canadá e dos Estados Unidos (Golos Truda) de 1918-1930; Golos Trujnica, de Detroit, de Nevada, Chicago e Nova Iorque, Dielo Trouda Probuzdenia.

Na segunda e na terceira décadas do século 20 o movimento anarco-sindicalista e anarquista chegou ao seu ponto mais alto. Além, dos jornais libertários, alguns militantes dispunham de espaços diários na imprensa comercial. Um deles nascido em Portugal, José Marques da Costa, tinha uma coluna diária no jornal A Pátria, do Rio de Janeiro, e publicou a seguinte nota:

*Camilo Berneri na reunião do grupo Os Emancipados. Sexta-feira próxima, na sua sede à rua Buenos Aires, 265, às 20 horas em ponto, os anarquistas, simpatizantes e trabalhadores em geral terão oportunidade de ouvir uma brilhante Conferência de Camilo Berneri, sobre Giordano Bruno na Philosofia e na Renascença-Vida e Pensamento do grande filósofo da liberdade.*

*Entrada franca, tribuna livre*

*Os Emancipados*

Da Rússia e da Itália chegavam também ao Brasil e fizeram grandes estragos no movimento libertário duas correntes políticas na época batizadas de Bolchevista e de Integralista.

A primeira orientada pela Terceira Internacional e a Internacional Sindical Vermelha, com sede em Moscou, agia em nome da Ditadura do Proletariado, no seio do Partido Comunista Brasileiro, criado em março de 1922 por 11 egressos do movimento ácrata e um socialista. Começaram disputando a direção dos sindicatos e acabaram por ajudar os governos de Artur Bernardes, Washington Luiz e Getúlio Vargas a reduzir sensivelmente o movimento libertário e os sindicatos livres. Em 1927 assassinaram os anarquistas Antonino Dominguez e Damião da Silva e feriram mais de 10 militantes no Sindicato dos Gráficos, à rua Frei Caneca, 4, sobrado, Rio de Janeiro. Assaltaram e roubaram o acervo do Sindicato dos Trabalhadores em Calçados, à rua José Maurício, 41. Ajudaram assim a encher o Campo de Concentração do Oiapoque e a implantar a ditadura nazi-fascista no Brasil com seus sindicatos verticais, controlados pelo Ministério do Trabalho.

A segunda corrente política veio dos porões do Vaticano com o nome de fascismo. No Brasil, por muitos anos, apelidado de Integralismo. O projeto foi elaborado por D.

Annunzio, Bertolotti, Papini e outros e tinha como "filosofia": "Poder tudo, absolutamente tudo! O único amor é o poder; o único fim é o poder; extremo sonho o poder!"

No Brasil, o chefe, Plínio Salgado, e seu alto comando reuniam a fina-flor dos desordeiros dispostos a tudo fazer para derrubar o governo e chegar ao poder: era o candidato a ditador Plínio lutando contra o ditador Getúlio.

Para Plínio, os decretos nº 19.433 de 26 de novembro de 1930; 19.770 de 19 de março de 1931 e 22.969 de 11 de abril de 1933 obrigando os trabalhadores a aderirem às fileiras "sindicais do Ministério do Trabalho, tornando-os eleitores com representantes profissionais na Assembléia Nacional Constituinte, num total de 40 membros, sendo 18 representantes dos empregados, 17 dos empregadores, dois funcionários públicos e três profissionais liberais". Queriam copiar Mussolini totalmente.

Vargas contava, para convencer os recalcitrantes, com a polícia política de Batista Luzardo, Felinto Müller, Emílio Romano, Serafim Braga e outros profissionais do argumento do cassetete.

No Rio de Janeiro, o jornal O Primeiro de Maio, de 1933, denunciava: "Em um só xadrez da polícia acham-se presos 50 proletários, sem nota de culpa. Muitos deles sofreram castigos corporais por terem protestado com a greve de fome contra a alimentação que nem para os cães prestava."

Em Porto Alegre, sob a orientação do anarquista Frederico Kniestedt, Aktion, de 1º de maio, fala das pretensões nazistas sobre o Brasil em idioma alemão. E no dia 19 de maio de 1933 um grupo armado invade a Federação Operária de São Paulo, arromba as portas das secretarias do Sindicato dos M. de Pão, Liga Operária da Construção Civil, Trabalhadores em Moinhos e Armazéns, União dos Canteiros e União dos Empregados em Cafés, destrói seus acervos e leva os detidos para a Central de Polícia, onde permanecem 24 horas. Quando chegaram o chefe de polícia e o delegado da "ordem política e social" determinaram que fossem em liberdade, que a ordem de prisão não partiu daquele departamento policial.

Em 1933, os jornais A Lanterna, A Plebe e O Trabalhador, a Federação Operária, o Centro de Cultura Social e as Ligas Anticlericais viviam de prontidão para não serem surpreendidos pelas marchas integralistas.

Em alguns bairros de São Paulo, os mensageiros do "Duce" trabalhavam desesperadamente no recrutamento dos "squadristi", que deviam envergar a camisa verde oliva e iniciar a matança, o incêndio e a destruição, fazendo reviver, em pleno século 20, a invasão dos bárbaros inimigos da ciência e da civilização. O alerta vinha do Comitê Antifascista Libertário e tinha a data de agosto de 1933.

Os comandantes do Integralismo Brasileiro formavam pela seguinte ordem nos anos de 1933-1934: "Plínio Salgado (comandante nacional); Gustavo Barroso (vice-comandante e presidente da Academia Brasileira de Letras); Ribeiro Couto; 130 jornalistas do Distrito Federal que "assinaram o manifesto fascista dirigido aos intelectuais do Brasil". Ei-los: D. João Becker; Oswaldo Aranha (um dos comandantes da revolução getulista de 1930); Oliveira Viana (escritor); Madureira de Freitas, Osvaldo Chateaubriand (diretor do Diário da Noite); Tristão de Atayde (escritor e jornalista); Cláudio Ganns; Lourival Fontes; Hélio Viana; Américo Lacombe; Câmara

Cascudo (escritor); os sacerdotes inscritos na Ação Integralista Don Nicolau de Flue Gut, os cônegos Matias Freire, Valfredo Gurgel, Helder Câmara, etc.; os professores da Faculdade de Direito Miguel Reale, Alpinolo Lopes Casali, Damião Neto, Domingos Cantola, Ângelo Simões de Arruda, Loureiro Júnior, Rolando Corbusier, Manuel Ferraz de Campos Salles Neto, Walter Moreira Sales, Homero de Sousa e Silva, Paulo Azevedo Barroso, Manuel Tavares da Silva, Guilherme Luis Riberio, Osvaldo de Sousa Shreiner, Antonio Arruda, Sebastião Martins de Macedo, Ziegler de Paula Bueno, Alcebíades Blanco, Ruiz de Arruda Camargo, Alfredo Buzaid, Ernani Silva Bruno, Epaminondas Albuquerque, Vicente Laporta, Sinval Gonçalves de Oliveira, Antonio Dourado, Alberto Zirondi Neto, Nicolino Amato, José de Barros Bernardes, Carlos Schmidt de Barros Júnior, Milton de Sousa Meireles, Agostinho Lúcio Correa, Arual Antonio dos Santos, Waldemiro Dalboni, Augusto de Oliveira Filho, Ítalo Záccaro, Vitório Nascimento, Cândido de Oliveira Barbosa, Francisco Luis de Almeida Sales, Francisco Gottardi, João José Pimenta de Castro, João Edson de Melo, José de Camargo Rocha, Rio Branco Paranhos, Júnio de Carvalho, José Cândido Silveira Lienert, Antenor Santini, Alceu Cordeiro Fernandes, Antonio Barbosa de Lima, José Vila do Conde e Ranulfo Oliveira Lima.

Com objetivos bem definidos e sem tutores políticos, formava-se no Rio de Janeiro a Aliança Estudantil Pró-Liberdade de Pensamento, cujo manifesto de fundação, A Lanterna, semanário anticlerical e libertário, São Paulo, 9 de novembro de 1933, resume:

> *Companheiros. O clero romano que sempre tem vivido aliado aos governantes, embora o artigo 72 da Constituição de 1891 e seus parágrafos estabeleçam em nosso território a liberdade de pensamento, neste instante prepara novos golpes contra o direito de pensar, agir e de orar.*

O A Plebe, quase ao findar do ano de 1933, alertava os antifascistas:

> *O Integralismo pretende, como o fascismo, escravizar e acorrentar o povo. Para não termos que chorar depois como energúmenos, defendamos agora a nossa liberdade como homens.*
>
> *Já soou o clarim da redenção humana! Unamo-nos contra todas as guerras, contra todas as tiranias, contra todos os paliativos que nos apresentam. A nossa felicidade, a fraternidade, a liberdade, residem em nós mesmos, na força coesa que há-de triunfar.*

Em homenagem aos arruaceiros integralistas, o escritor Menotti del Picchia, candidato a "Duce", lança as bases do Fáscio Paulista com os Camisas Brancas.

Em Niterói (A Plebe, de 2 de dezembro de 1933), o presidente da Academia Brasileira de Letras, Gustavo Barroso, chefe integralista, atacou às bengaladas e quebrou um braço à jovem operária Nair Coelho, 16 anos, quando esta discursava

contra os desordeiros fascistas, em cima de um banco de jardim e em Belo Horizonte; quem precisou fugir do Teatro Municipal foi o professor de línguas Casale. O povo, que assistia ao discurso do arruaceiro integralista, resolveu interrompê-lo, expulsar o vendilhão do palco.

Em São Paulo, depois da derrota que tiveram no Salão Celso Garcia, o "bando de Plínio Salgado marcou para o dia 24 de dezembro uma demonstração de força destinada a depredar os sindicatos e assassinar os sindicalistas mais ativos" (Nossa Voz, de 1º de dezembro de 1933): "Marchariam no centro de São Paulo 18 Centúrias (companhias) dispostas a exterminar canibalescamente os anarquistas e outros esquerdistas que se opusessem à sua passagem."

O trabalhador anarco-sindicalista resistia às exigências do Ministério do Trabalho. Contra ele tinha os bolchevistas aderentes desde a primeira hora, os patrões, a polícia, os integralistas invasores de sindicatos operários, que segundo substancioso manifesto do Sindicato dos O. em Fábricas de Vidros de São Paulo, fevereiro de 1934, "naquele momento pleiteavam na Assembléia Constituinte a pena de morte para o Brasil!"

Em março de 1934 a Federação Operária de São Paulo, com sede na rua Quintino Bocaiúva, 80, lançava três manifestos de grande significado. Um contra a Lei Monstro, outro contra a guerra e o terceiro em formato de encarte, enfocando as "organizações operárias, a legislação trabalhista, a lei de sindicalização, a caderneta profissional, a nova lei de férias, a nova Constituição e comunica as conferências de Edgard Leuenroth, Germinal Soler e Hermínio Marcos".

Do Rio de Janeiro, sob o comando do acadêmico Gustavo Barroso, chegavam à Praça da Sé "500 guardas verdes de segurança", tropas de choque, treinados para imobilizar opositores. A polícia também montou metralhadoras em pontos estratégicos para coibir possíveis ataques aos integralistas, ainda "bem-vistos" pelo governo. Além do grande contigente policial, o coronel Arlindo de Oliveira tinha 400 homens do 1º, 2º e 6º Batalhões de Infantaria, do Corpo de Bombeiros e Regimento de Cavalaria no local.

A parade de integralistas contava com a presença de 10 mil soldados do Sigma dentro de suas camisas verdes novinhas em folha empunhando grandes estandartes com o símbolo do integralismo.

Nas imediações da Sé haviam começado a formar-se grandes agrupamentos de curiosos de todas as ideologias. E mal a coluna alcançou a escadaria da Catedral ouviram-se gritos de "morte ao fascismo", "Abaixo os Camisas Verdes" e em seguida tiros. Diz-se que foi uma metralhadora da Guarda Civil Montada, em frente à rua Senador, que ao ser movimentada disparou acidentalmente. Outros garantiam que os tiros foram disparados por comunistas que estariam no meio da multidão aguardando o desfile. O certo é que começou o tiroteio antes da hora marcada pelos libertários para atacar os integralistas, desencadeando-se uma correria infernal. Gente fugindo e gritando, outros caindo feridos mortalmente e a parada e o juramento de fidelidade ao comandante integralista, Dr. Plínio Salgado, Fuhrer brasileiro, não aconteceu.

Correndo nas "estradas" abertas pelos integralistas com a colaboração dos "comunistas" do PCB e dos dirigentes do Partido Católico Brasileiro do Cardeal Sebastião Leme, assessorados por "50 juristas", Getúlio Vargas não teve maiores

dificuldades em implantar o Estado Novo, que durou até 1945.

Em síntese, os anarco-sindicalistas e anarquistas do Brasil realizaram:

Primeiro Congresso Operário Brasileiro - Centro Galego, rua da Constituição, 30-32, Rio de Janeiro, de 15 a 20 de abril de 1906. Ao todo 12 sessões. Discutiram 23 temas previamente acertados e um acessório. Compareceram delegados de 23 entidades de cinco estados do Brasil. Esteve presente o engenheiro italiano fundador da Colônia Cecília, Giovani Rossi.

Segundo Congresso Operário Brasileiro - Centro Cosmopolita, rua do Senado, 215, Rio de Janeiro, de 8 a 13 de setembro de 1913. Ao todo os trabalhadores anarquistas e anarco-sindicalistas realizaram 12 sessões, debateram 24 temas com a presença de 117 delegados de 8 estados, sendo dois federações estaduais, cinco federações locais, 52 sindicatos e quatro jornais libertários.

Terceiro Congresso Operário Brasileiro - Sede da União dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos, rua do Acre, 19, Rio de Janeiro, de 23 a 30 de abril de 1920. Efetuaram 23 sessões com a presença de 39 organismos de 11 estados do Brasil.

Primeiro Congresso Estadual de São Paulo - Teve lugar no Salão Excelsior, rua Florêncio de Abreu, 29. Ao todo foram discutidos três temas principais, de 6 a 8 de dezembro de 1906. Objetivo: Pôr em prática as resoluções do 1º Congresso Nacional do Rio de Janeiro.

Primeira Conferência Estadual de São Paulo - Realizada em 1907 com o propósito de elaborar e aprovar os temas para o 2º Congresso Estadual. Ao todo discutiram 22 temas.

Segundo Congresso Estadual de São Paulo - Realizado nos dias 7 e 8 de abril de 1908. Dele participaram 22 organizações operárias comprometidas com o anarco-sindicalismo.

Primeiro Congresso Estadual do Rio Grande do Sul - Teve lugar nos dias 1º e 2 de janeiro de 1898 com a presença de delegados de 10 associações, um jornal e um grupo anarquista. Foi o primeiro encontro de trabalhadores com idéias sociais no Brasil.

Segundo Congresso Operário Estadual do Rio Grande do Sul - Na rua Comendador Azevedo, 30, dias 21 a 25 de março de 1920. Estiveram presentes delegados de 30 associações todas comprometidas com o sindicalismo revolucionário.

Terceiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul - De 27 de setembro a 2 de outubro de 1925. No total foram 12 sessões com a presença de delegados de 23 entidades operárias e do Comitê Pró-Presos Sociais e de dois jornais. Foi aprovada uma Declaração de Princípios da AIT e criado um Pacto de Solidariedade Internacional Anarquista.

Quarto Congresso Operário do Rio Grande do Sul - clandestino em data que não ficou registrada. Realizaram três sessões durante dois dias com a presença de 16 entidades operárias, dois jornais, sies grupos anarquistas, vários militantes de São Paulo refugiados naquele estado do sul do Brasil (Florentino de Carvalho, Domingos Passos e outros) e delegados do Uruguai, Paraguai e Argentina.

Primeiro Congresso da Federação de Trabalho do Estado de Minas Gerais - Realizou-se em Belo Horizonte em junho de 1912. Ao todo foram debatidos e aprovados sete temas.

Congresso Operário do Paraná - Realizou-se no ano de 1907. Contou com a presença da Federação Operária, fundada por italianos remanescentes da Colônia Cecília, com o Grupo Filo-Dramático, 12 associações operárias e o delegado do jornal O Despertar, fundado e dirigido pelo anarquista italiano, expulso do Brasil em 1919, Gigi Damiani.

Outros Congressos - Os trabalhadores anarco-sindicalistas brasileiros participaram ou marcaram presença no Congresso dos Operários Chapeleiros Sul-Americano, realizado na Argentina e Uruguai, em julho de 1920. As pesquisas deixam perceber que os anarquistas estiveram na linha de frente de todos os congressos anarco-sindicalistas e ainda realizaram os seus.

Conferência Libertária de São Paulo - Rua José Bonifácio, 39-2º andar. Ao todo realizaram sessões nos domingos 14, 21 e 28 de junho, 5, 12 e 26 de julho de 1914. O objetivo principal era preparar e indicar dois delegados para representar o Brasil no congresso anarquista de Londres que não chegou a acontecer por causa da guerra.

Congresso Anarquista Sul-Americano - Realizou-se no Rio de Janeiro de 18 a 20 de outubro de 1915 na sede da Federação Operária, praça Tiradentes, 71, sobrado. Estiveram presentes delegados do Brasil, da Argentina e do Uruguai.

Congresso Internacional da Paz - Realizado de 14 a 16 de outubro de 1915. Seu ponto de debates foi a sede da Federação Operária, na praça Tiradentes, 71, Rio de Janeiro, com a presença de delegados da Federación Obrera Regional Argentina, delegados do Chile e do Uruguai.

Congresso Anarquista do Brasil - Realizado na Nossa Chácara, no bairro de Itaim, São Paulo, de 17 a 19 de dezembro de 1948. Este marca o ressurgimento do movimento anarquista no Brasil após a derrubada da ditadura de Getúlio Vargas. Contou com a presença de anarquistas de vários pontos do Brasil e diversos militantes italianos, espanhóis e portugueses residentes no Brasil ou de passagem.

Encontro Anarquista na Urca - De âmbito nacional. Teve lugar nos dias 9 a 11 de fevereiro de 1953 na rua Osório de Almeida, 67, no Rio de Janeiro, com a presença de mais de três dezenas de anarquistas. Foi um encontro muito proveitoso.

Congresso Anarquista do Brasil - Realizado de 26 a 29 de março de 1959 em Nossa Chácara, no Itaim, São Paulo, com grande presença de militantes de todo o país, exilados espanhóis e alguns italianos. Foi aprovada a reativação dos Centros de Cultura Social e fundada a Editora Mundo Livre, do Rio de Janeiro. Ao todo foram debatidos e aprovados 10 temas.

Encontro dos Libertários Espanhóis Exilados - Foi na sede do Centro de Cultura Social, na rua Rubino de Oliveira, 85, São Paulo, nos dias 7 e 8 de outubro de 1961. Estiveram presentes anarquistas brasileiros e exilados da CNT e da FFLL.

Encontro Anarquista - São Paulo de 20 a 22 de abril de 1962. Reuniram-se em Nossa Chácara 100 militantes anarquistas de todo o Brasil, incluindo alguns companheiros estrangeiros. Foram realizadas cinco sessões muito proveitosas.

Décimo Encontro Anarquista - Realizou-se nos dias 15 a 17 de novembro de 1963. Reuniram-se para tratar do rumo do movimento anarquista no Brasil mais de 100 militantes, Os assuntos foram divididos em seis temas principais.

Maio de 1964 - Em Nosso Sítio. Encontro clandestino de avaliação dos anarquistas do Rio de Janeiro e de São Paulo para acertar os rumos diante da

ditadura militar implantada em 1º de abril do mesmo ano. Saíram desse encontro algumas resoluções para resguardar o acervo dos anarquistas.

Encontro em Nosso Sítio - Realizado em 1968, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Clandestino.

Encontro dos Grupos Pró COB - Realizado em maio de 1986 na rua Rubino de Oliveira, 85.

O movimento libertário do Brasil participou também do Congresso de Ferrol, Espanha em 1915, com três delegados. Em 1928 com um delegado indireto e depois de 1945 enviou como delegado à França Joseph Tibogue, e mensagens de apoio aos demais congressos.

A trajetória do anarquismo no Brasil teve a participação de uma confederação, várias federações, mais de 100 grupos especificamente libertários, seis editoras, três livrarias, mais de uma dezena de escolas racionalistas, duas universidades populares, uma intensa propaganda através do teatro ácrata, possui uma propriedade comprada pelos anarquistas, desde 1939, com moradias modestas e arquivo em prédio próprio. Foi uma sementeira que germinou, e hoje alimenta pesquisas, teses de doutoramento e sensibiliza várias editoras comerciais para publicá-las.

No Rio de Janeiro, com o falecimento de José Oiticica em 1957, três militantes libertários tiveram a idéia de formar o Centro de Estudos Professor José Oiticica, na sala onde o mestre dava aulas, à Av. Almirante Barroso, 6-sala 1.101. Nos dias seguintes os três realizaram uma reunião na Avenida 13 de Maio, 23, sala 922, e resolveram procurar companheiros afastados do movimento por razões diversas e convidá-los para fazer parte do centro e subscrever sua ata de legalização em 22 de julho de 1960. (O centro começou suas atividades em 1958)

Em 1969, um "punhado" de militares da aeronáutica rebentaram a porta aos coices, carregaram parte do acervo cultural, máquina de escrever, mimiógrafo e outros objetos "subversivos", depois foram nas moradias dos diretores do centro, "confiscaram livros, etc.", prenderam-nos e formaram um processo contra 16, impernunciando um. Torturaram alguns detidos e finalmente levaram-nos a um julgamento que durou até 1972.

O Centro de Estudos do Professor José Oiticica, durante sua existência (12 anos), fundou a Editora Mundo Livre por cotas, editou cinco livros, promoveu curso sobre Anarquismo no Teatro Carioca, recebeu anarquistas da América e da Europa, conduziu várias campanhas de protesto e apoio, realizou mais de uma centena de cursos e conferências, e parte de suas atividades foram anunciadas pela imprensa. Acabou por força da ditadura militar.

Não se pode ignorar também os diários: A Plebe, São Paulo, 1919; A Hora Social, Recife, 1919; Voz do Povo, Rio de Janeiro, 1920; Vanguarda, São Paulo, 1921-1923; A Lanterna, São Paulo, 1901-1934. Os semanários: O Amigo do Povo, São Paulo, 1903; A Terra Livre, São Paulo-Rio de Janeiro, 1907-1910; La Bataglia, São Paulo, 1904-1913; Remodelações, Rio de Janeiro, 1945-1947; Ação Direta, Rio de Janeiro, 1946-1959. As revistas: Remodelações, Rio de Janeiro, 1921-1922; Renascença, São Paulo, 1923; A Vida, Rio de Janeiro, 1914-1915; Revista Liberal, Porto Alegre, 1921-1924; e umas centenas de periódicos.

Um grupo de professores estudiosos do anarquismo promoveu curso na ABI

(Associação Brasileira de Imprensa). O Grupo Anarquista José Oiticica, formado por novos militantes libertários, realizaram, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos dias 9, 16, 23 e 30 de julho de 1987, um curso de anarquismo envolvendo Problemas Atuais do Socialismo; Anarquismo Hoje e Movimentos Alternativos; Movimento Sindical e Anarco-Sindicalismo; e O Estado Hoje. Teve o apoio do Centro de Cultura Social de São Paulo, a Sub-Reitoria 5, a Comissão de Organização Estudantil, Comissão Cultural do IFCS, e mesmo sendo pago, a freqüência foi boa, o salão ficou literalmente cheio.

No Rio Grande do Sul, grupos de libertários e simpatizantes comemoram o Centenário dos Mártires de Chicago e meio século da Revolução Espanhola, os 67 anos do fuzilamento de Francisco Ferrer e outros eventos.

Na capital do Brasil os anarquistas realizaram um Simpósio Libertário e fundaram a Editora Novos Tempos, que já produziu várias obras de real valor literário e cultura anarquista. Em São Paulo as Universidades de Campinas, São Carlos e da Capital formaram valiosas bibliotecas de História Social, predominando publicações anarquistas e anarco-sindicalistas, e periodicamente promovem cursos sobre anarquismo, sempre com a participação de membros do Centro de Cultura Social que têm uma longa experiência militante e mantêm permanentemente em sua sede, na rua Rubino de Oliveira, 85-2º, no Brás, círculos de conferências libertárias. E apoiado pelos núcleos Pró COB (Confederação Operária Brasileira) e pela AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), com sede na Espanha, o Centro de Cultura Social de São Paulo continua promovendo sessões comemorativas em defesa da natureza, contra a Bomba Atômica (no aniversário da explosão de Hiroshima), pela passagem dos 70 anos da Greve Insurrecional Libertária de 1917, na cidade de São Paulo, e debatendo a autogestão na luta social e as estratégias da luta sindical.

Em seus ciclos de palestras, temas como "Feminismo e a Reapropriação do Corpo", "Feminismo, Reinventando o Feminino e o Masculino"; "Feminismo, Questões que se Levantam"; "Recuperando a Memória" e "Cavernas do Estado de São Paulo". E nos cursos de Extensão Universitária tratam "O que é o Anarquismo"; "As Origens: Da Revolução Francesa a Proudhon"; "A Primeira Internacional: Marx, Bakunin e a Comuna de Paris"; "Anarco-Sindicalismo, Kropotkine e Malatesta"; "Anarquismo no Brasil"; e "Anarquismo Hoje, Liberdade e Autogestão". Estas iniciativas contaram com o apoio da Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Em sua produtiva trajetória, o Centro de Cultura Social de São Paulo realizou recentemente um Ciclo de Educação Libertária enfeixando os seguintes temas: "O Movimento Anarquista e o Ensino Racionalista em São Paulo, 1912-1919"; "Escola e Trabalho no Brasil Hoje"; "Educação Popular: da Educação Libertária à Educação Libertadora"; "Organização e Poder: Estado, Escola, Empresa"; "A Educação pelo Trabalho, pela Pedagogia Freinet"; "Lutas Autônomas e Autogestão Pedagógica"; e "Uma Terapia Anarquista".

Este movimento ideológico vem sendo divulgado pela revista Autogestão, pelo próprio Boletim do Centro de Estudos Sociais, prospectos avulsos, cartazes e pela imprensa comercial que noticia alguns cursos.

Hoje, o anarquismo não assusta mais ninguém no Brasil. Palavra temida, ridicularizada, esta filosofia de vida resiste ao tempo e virou tema de teses de doutoramento, peças de teatro, novelas exibidas na televisão e filmes de curta e longa

metragem.

Os anarquistas do Brasil – salvo os que se dizem e não se encontraram ideologicamente – continuam com Kropotkine: "Quem acha que uma instituição de formação histórica pode servir para devolver privilégios que ela mesmo desenvolveu mostra com isso a incapacidade de compreender o que significa a vida de uma sociedade, uma formação histórica. Deixa de aprender a lei básica de todo o desenvolvimento orgânico, isto é, que novas funções requerem novos órgãos e que estes se devem criar por si mesmos."

Colaboraram para tornar possível a trajetória anarquista no Brasil: Fábio Luz, João Gonçalves da Silva, Avelino Foscolo, Ricardo Gonçalves, Benjamim Mota, José Martins Fontes, Ricardo Cipola, Rozendo dos Santos, Reinaldo Frederico Greyer, Pedro Augusto Mota, Moacir Caminha, José Ramón, Domingos Passos, João Perdigão Gutierrez, Florentino de Carvalho, Domingos Ribeiro Filho, Lima Barreto, Orlando Corrêa Lopes, Manuel Marques Bastos, José Puicegur, Diamantino Augusto, José Oiticica, José Romero, Edgard Leuenroth, Felipe Gil Sousa Passos, Pedro Catalo, João Penteado, Neno Vasco, Adelino Pinho, Giovani Rossi, Gigi Damiani, Artur Campagnoli, José Marques da Costa, Rodolfo Felipe, Isabel Cerrutti, João Perez, Antonino Dominguez, Manuel Perez, Romualdo de Figueiredo, Juan Puig Elias, Maria Lacerda de Moura, Rafael Fernandes, Angelina Soares, Paula Soares, Elias Iltchenco, Frederico Kniestedt, Jesus Ribas, Cecílio Vilar, Oresti Ristori, Maria Lopes, Manuel Moscoso, Polidoro Santos, Amilcar dos Santos, Pedro Carneiro, Atílio Peçagna, Rudosindo Colmenero, Maria Silva, Maria Rodrigues, Pietro Ferrua, Pedro Ferreira da Silva, Câmara Pires, Ramiro de Nóbrega, Maria Valverde, José Simões, Manuel Lopes, Vitorino Trigo, Mariano Ferrer, Luisi Magrassi, Sofia Garrido, Joaquim Leal Junior, Lírio de Resende, Jaime Cubero e tantos outros intelectuais e operários a quem se homenageia, mesmo ausentes...

# PEQUENA HISTÓRIA DA IMPRENSA SOCIAL NO BRASIL

## Uma contribuição ao futuro

Nossas anotações sobre a imprensa operária e o seu envolvimento social e ideológico começaram nos anos 60. Depois paramos para pesquisar outros aspectos da história do movimento operário e das lutas sociais. Com este objetivo percorremos outros caminhos, alargamos investigações no campo libertário e perdemo-nos no tempo...

Nessas andanças pelo Brasil recolhemos jornais, revistas, panfletos, boletins, atas, correspondência antiga, adquirimos livros sobre a questão operária, sindicalista, anarquista, socialista, comunista. Escrevemos artigos e incluímos como apêndice, neste livro, parte dos títulos recolhidos nestes mais de trinta anos.

Revendo agora essas anotações, me dei conta que está tudo reunido por ordem alfabética, com breves e necessários esclarecimentos em alguns casos, e juntando-lhe ilustrações de alguns jornais menos conhecidos que sacudiram as bases políticas da burguesia de então, podiam aguçar a curiosidade de alguns estudiosos e pesquisadores da questão social e ser úteis aos que buscam no movimento ácrata matéria-prima para suas pesquisas e investigações.

O autor tem consciência das lacunas deste levantamento e tem claro que sua investigação está distante de ser um trabalho completo, mas não podendo continuá-lo pensa, com os dados conseguidos, contribuir para que outros o ampliem e completem, contribuindo para o conhecimento de um dos períodos mais relevantes da construção do movimento operário brasileiro e da história da imprensa social, que ajudou a formar durante décadas o imaginário dos trabalhadores inconformados com a injustiça e a miséria que dominam este país.

## Introdução

A "pré-história" das lutas sociais no Brasil remontam à época inicial da ocupação branca. Colônia antes de ser nação, este imenso território foi povoado pelo trabalhador-escravo, a maioria negro, vendido e comprado em leilões públicos aos lotes, como mercadoria de consumo diário, dando ao mercador branco, lucros e o direito de vida e de morte sobre outros seres humanos.

Tratado a chicote e recebendo como salário um punhado de farinha, um pedaço de pão, um pouco de sal e água, o trabalhador negro reagia através do ato rebelde ou das fugas, individuais ou coletivas, que originaram verdadeiras "aldeias" comunitárias, os Quilombos.

O mais importante foi o Quilombo dos Palmares, reduto populacional que chegou a abrigar 20 mil pessoas, derrotou 17 expedições militares enviadas pelos colonizadores para destruir essa experiência de comunidades livres e resistiu quase um século!

E se este movimento reflete um desejo de libertação física, econômica e social, não podemos esquecer também que foram estes trabalhadores negros os primeiros a

formar uma pequena nação dentro de uma nação grande, convertendo sua deserção no primeiro grito de Independência do Brasil, antecipando-se a Tiradentes em mais de dois séculos!

O Quilombo dos Palmares é, na história do Brasil, uma epopéia que os historiadores ocultaram durante séculos e quando não o puderam fazer mais, trataram de não registar o seu subversivo modelo de organização social. Uma sociedade de iguais, uma comunidade de irmãos, onde tudo era de todos: terras, produção agrícola e trabalhos artesanais.

Depositando em celeiros públicos o produto do esforço coletivo, segundo as capacidades de cada um, era distribuída também publicamente de conformidade com as necessidades de cada habitante. Sem patrões, empregados ou autoridade para além daquela que provinha da inteligência, privilégio que não dava aos que a possuíam o direito de mandar nos menos favorecidos, puderam, a partir do ano de 1600, desafiar a administração econômica e militar dos colonizadores-governantes e prosperar dentro de uma igualdade de admirável harmonia coletiva.

A iniciativa durou 92 anos (o governo destruiu-a incendiando as casas e matando homens com sua 18ª expedição militar em 1694).

Vencido o reduto de Palmares, outros foram implantados no imenso território brasileiro, destacando-se muito mais tarde as comunidades de Canudos, e do Caldeirão.

A rebeldia desses povos contra as autoridades e a exploração do homem pelo seu semelhante, de 1602 a 1694, oferece-nos um exemplo colossal, um equilíbrio extraordinário numa população de 20 mil vidas, dentro dos padrões de igualdade econômica e social, com propriedades e trabalho coletivo, sem leis escritas, autoridades constituídas, que desafia a nossa interpretação e leva-nos a concluir que a forma de vida no Quilombo dos Palmares era anárquica, que as idéias dos quilombos eram libertárias!

Estas formas remotas de anarquismo, que remontam a uma tradição comunitária e libertária, que subsistiu na África e mesmo na Europa durante séculos, anda por terras brasileiras há muitos e muitos anos trazida pelos negros escravizados e mais tarde pelos novos escravos: os assalariados imigrantes.

## O surgimento das idéias socialistas

As mudanças sociais e econômicas, que começavam a se mostrar no mundo, em conseqüência da industrialização do século XIX, também atingiram o Brasil. O tufão revolucionário soprava na Europa, empurrava o povo, reunia o proletariado, contagiava os intelectuais liberais, invadia fronteiras, galgava os mares e chegava à América Latina para fixar residência no Brasil.

Refugiados da Comuna de Paris de 1871 chegavam em terras brasileiras para escapar à ferocidade do governo francês. No senado, Cândido Mendes de Almeida, José Inácio Silveira da Mota e Francisco Otaviano contestavam o pedido de extradição do governo Thies e Gallifort, despertando a curiosidade da população mais ilustrada para as idéias dos revolucionários foragidos. Muitos compravam livros chegados da França às livrarias da rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, que os jornais da época anunciavam.

O desejo de realizar as utopias sociais, que motivou Saint Simón, Owen, Fourier, Cabet, Dézamy e Rossi, trouxe para o Brasil Benoit-Jules Mure, médico francês, que agrupou 500 pessoas - ourives, engenheiros, médicos, serralheiros, carpinteiros e outros profissionais - formando um Falanstério, uma comunidade socialista influenciada pelas idéias de Fourier, em Santa Catarina, no ano de 1841.

O engenheiro Luis Vauthier, socialista, também discípulo de Fourier chega a Pernambuco contratado pelo governo. Durante sua permanência formou uma escola ideológica, arregimentou seguidores e a imprensa falou do socialismo. Os jornais socialistas franceses que Vauthier mandava vir, começavam a circular nos meios intelectuais progressistas do Recife.

Na "inconfidência insurrecional de Pernambuco de 1817 já se encontraram idéias igualitárias roussianas", e na "Revolução Praieira, de 7 de Novembro de 1848, que teve a participação dos trabalhadores gráficos, ourives, funileiros, barbeiros, alfaiates, seleiros, cocheiros, lavradores, negros libertos, chamados então de anarquistas".

Tempos depois (1860) aparece um livro intitulado Anarquistas e a Civilização cujo autor assinava "Um Pernambucano". Foi impresso no Rio de Janeiro, na Tipografia Universal de Laemert, à rua dos Inválidos, 61-B. Seu conteúdo destacava-se pela ferocidade com a qual atacava os "partidários da Anarquia Social".

Na sua passagem pelo Brasil, em 1893 o famoso geógrafo anarquista Eliseu Reclus, "encontrou traços dos revolucionários franceses Leroux, Proudhon e Comte, marcadamente na vida do brasileiro e nos seus movimentos insurrecionais".

Ao Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro chegaram muitos anarquistas. Na última década do século 19, o engenheiro agrônomo Giovani Rossi, membro da Associação Internacional do Trabalhador, AIT, e militante anarquista italiano, chegou ao Paraná com dezenas de companheiros para formar a Colônia Cecília. Artur Campagnoli, também italiano e anarquista, desembarca em São Paulo e funda a Comunidade de Guararema.

Em Pelotas, no Rio Grande do Sul, o primeiro anarquista a chegar foi o sapateiro italiano José Saul.

## Nasce a imprensa social no brasil

A partir de 1º de agosto de 1845, encontramos desafiando os poderosos O Socialista da Província do Rio de Janeiro, em Niterói. Saía a cada três dias. Sob a égide das idéias do francês Charles Fourier, tinha entre os fundadores e colaboradores o seu discípulo, Dr. Mure, médico homeopata, idealizador da Colônia do Saí, em Santa Catarina, no ano de 1841.

No seu primeiro número O Socialista da Província do Rio de Janeiro definia-se: "O vocábulo – Socialismo – cuja denominação sai hoje à luz a nossa folha define exuberantemente o objetivo principal com que ela é publicada: a conservação e melhora do pouco de bem que existe entre nós; a extirpação de abusos e vícios previamente da ignorância, falsa educação e imitação sem critério; a introdução de novidades no progresso universal; enfim, todo o aperfeiçoamento de que for susceptível a sociedade, provincial, nacional e universal, quer na parte moral, quer na material,

em que naturalmente está dividida a morada humana no mundo terreno. Assim, pois, o O Socialista tratará da agronomia prática, economia social, didática jacetista, política preventiva e medicina doméstica e sobretudo do Socialismo ciência, novamente explorada, da qual basta dizer que seu fim é ensinar aos homens a se amarem uns aos outros".

No terceiro número ainda se lê: "As grandes idéias que descansam sobre bases sólidas nunca podem deixar de progredir; e tal é a força da verdade que nem ensaios infelizes da sua aplicação podem tornar-se obstáculos a seu triunfo. A ciência socialista, desde Fourier, progride a passos agigantados..."

Em Niterói, no ano de 1845, este posicionamento ideológico era um rasgo de coragem política, mas a partir do terceiro número, O Socialista da Província do Rio de Janeiro, envolveu-se nos debates acalorados na Assembléia Legislativa da Província, perdendo-se na teia dos interesses partidários.

Em 1840 havia chegado ao Recife (Pernambuco) o engenheiro francês Vauthier, discípulo de Charles Fourier, Saint-Simon, Robert Owen e outros socialistas europeus. Não demorou a relacionar-se com brasileiros de idéias avançadas, inclusive o professor Antonio Pedro de Figueiredo e este logo começou a publicar O Progresso, em 1846-1848.

O Progresso era um periódico que correspondia plenamente ao seu título e refletia com fidelidade o pensamento progressista de seu diretor, homem arguto e bem informado acerca dos problemas econômicos de seu tempo. As tendências socialistas reveladas em seus artigos decorrem, naturalmente, da sua receptividade às idéias de Fourier, Saint-Simon, Owen e outros da mesma natureza.

Também em Pernambuco publica-se, em 1847, O Proletário e, em 1848 em Niterói, O Grito Anarquial, periódicos distantes um do outro, mas os dois propondo-se a defender os humildes.

Em 1850, sai no Rio de Janeiro O Periódico dos Pobres e, em Pernambuco, O Brado da Miséria, em 1853. Neste mesmo ano, forma-se a Imperial Associação Tipográfica Fluminense, uma entidade de objetivos mutualistas, e no dia 10 de Janeiro de 1858 começa a publicar o Jornal dos Tipógrafos em apoio aos trabalhadores dos jornais: Diário do Rio de Janeiro, Correio Mercantil e Jornal do Comércio; que estavam em greve desde o dia 8 de janeiro por aumentos salariais. Os patrões protelaram por um mês e depois negaram o aumento. Aos operários gráficos só lhes restou abandonar as oficinas e os leitores do Rio de Janeiro ficaram sem jornais.

Mais tarde, observadores que acompanharam a greve e a publicação do Jornal dos Tipógrafos escreveram: "Unidos pelo sentimento de solidariedade profissional, levava-os, por sua vez, pela natureza mesma do desenvolvimento associativo a uma consciência de classe cada vez mais clara. A greve, ação de classe, produziu o 'momento' necessário à manifestação prática dessa consciência. A Associação Tipográfica possuía em caixa, quando se declarou o movimento grevista, a importância de 12 contos de réis, destinados normalmente aos fins de beneficência associativa. Pois bem, a Associação empregou 11 contos – quantia elevada para a época e que representava quase todo o seu patrimônio em dinheiro – na manutenção do Jornal dos Tipógrafos. De órgão limitado a simples atividade mutualista, a Associação adquiria de pronto o caráter de legítima representante dos interesses de classe".

Virou lema o pensamento dos grevistas: "Já é tempo de acabarem as opressões de toda a casta; Já é tempo de se guerrear por todos os meios legais toda a exploração do homem pelo mesmo homem", que foi publicado no Jornal dos Tipógrafos.

Em Belém, no Pará, começa a publicar-se A Voz do Povo no ano de 1860 e, no Rio de Janeiro, O Tipógrafo, de 1867 a 1868. No Recife aparece A Consciência Livre e em São Paulo O Operário, ambos no ano de 1869, destacando-se pela combatividade contra o que então se entendia por injustiças contra os menos aquinhoados no banquete da vida.

No Pará, em 1870, publica-se A Inquisição, jornal anti-clerical; A Locomotiva, em 1872, em Pernambuco; Gazeta Operária, jornal dos Arsenalistas da Marinha, em 1875, no Rio de Janeiro; A Revolução Social, em 1876, no Rio; O Trabalho, em 1876 em São Paulo; A Barricada, em 1877, e O Proletário, de 1877 a 1878. Em 1881, aparecem O Operário, e Gutemberg. Nos anos de 1880-83, os trabalhadores do Arsenal do Exército e da Marinha começam a publicar O Niilista, órgão de defesa da classe. Estes trabalhadores deflagraram uma greve e fundaram a União Operária no Rio de Janeiro. Em 1883, publica-se O Artista e, em 1885, o Jornal dos Alfaiates. Destes, o último periódico foi quem marcou melhor seus objetivos.

Em 1888, no Rio de Janeiro, publica-se a Revista Tipográfica e, no ano de 1892, apareceram o jornal anarquista Gli Schiavi Blanchi, (em idioma italiano) dirigido por Galileu Betti em São Paulo; O Operário, em Santos; O Operário, em Fortaleza, no Ceará; O Jornal Operário, no Rio de Janeiro; e o Primo Maggie (em italiano), em São Paulo.

No Amazonas, publicou-se O Operário no ano de 1892. Em Belém do Pará, entre 1889 e 1907, aparece A Confederação Artística, "órgão das classes operárias", em 1888-1889 O Trabalho, semanário que durou de 1901 a 1907.

Com o título de O Artista, encontram-se na cidade do Crato, no Ceará, em 1891; na Paraíba, em 1893-1894; e no Piauí em 1902. A Fenix Caixeiral, órgão da antiga associação do mesmo título existente em Fortaleza, começou a sua publicação em 1893. Em Maceió, a Associação Tipográfica Alagoana de Socorros Mútuos, de quem era órgão O Século XX, publicou também, no ano de 1902, O Proletário.

Em Aracajú, O Operário aparece duas vezes, em 1891 e 1896, esta última data como "órgão da União Operária Sergipana".

Em Pernambuco, aparecem O Operário, no ano de 1879, a Gazeta dos Operários, em 1890, O Socialista, órgão do Centro Social, em 8 de maio de 1898, O Clarim Social, socialista, em 1900, Aurora Social, órgão do Centro Protetor dos Operários do Recife, de 1901 a 1907.

Na Bahia, em 1890, saiu A Voz Operária, órgão do Centro Operário da Bahia. Em Minas, aparece O Socialista, nas cidades de Ouro Preto e São José do Paraíso.

Em São Paulo, publica-se o Jornal Operário, em 1892, e Il Risveglia, anarquista, de 1893 a 1899, L'Asine Umane, em italiano, anti-clerical, editado de 1893 a 1894, L'Avvenire em 1893, Il Lavoratore e Il Diritto, sob a orientação de Gigi Damiani, anarquista italiano, em Curitiba, que tinha vindo para a Colônia Cecília. Mais tarde Gigi Damiani veio para São Paulo e foi expulso do Brasil em 1919 por ser anarquista.
No dia 17 de setembro de 1895, Silvério Fontes e outros socialistas publicam em Santos a revista A Questão Social, com o lema: "Um por todos e todos por um". Em São Paulo

sai o Primeiro de Maio, com um único número no ano de 1895.

Em 5 de julho de 1896, o socialista português A. Guedes R. Coutinho e outros começam a publicar Eco Operário, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

No Rio de Janeiro, foram editados Voz do Povo (1890), O Operário Italiano (1897-98), O Operário (1895), O Mensageiro (1898), O Protesto (1898) e a Tribuna Operária (1900).

No dia 15 de Abril de 1894, anarquistas e socialistas foram presos na rua Líbero Badaró, nº 110, em São Paulo, por denúncia do Cônsul italiano, quando acertavam a comemoração do dia 1º de Maio, pela primeira vez no Brasil e o lançamento do manifesto alusivo à data.

O primeiro jornal comunista-anarquista do Rio de Janeiro publicou-se de outubro a dezembro de 1898, com o título O Despertar. Era editado pelo Grupo Angielillo, na rua Senador Pompeu, nº 119, e dirigido pelo operário chapeleiro José Sarmento Marques.

Com o desaparecimento de O Despertar, os anarquistas lançam O Protesto, dirigido pelo operário português J. Mota Assunção em setembro de 1898, com redação na rua Evaristo da Veiga, nº 78 (saíram 11 números até 1900).

**A sementeira prossegue, germina e assusta a nova burguesia**

No começo do século 20 chegou a São Paulo Neno Vasco, nascido em Portugal, licenciado em direito e uma das maiores figuras humanas e intelectuais da época, formando com os italianos Oresti Ristori e Gigi Damiani uma equipe anarquista de muito mérito. Por isso, as sementes libertárias começaram logo a produzir frutos, evoluindo rapidamente, irradiando luz, saber, idéias, entusiasmo e alegria de viver entre o proletariado. Invadem outras cidades e contagiam inclusive vários intelectuais brasileiros. Alguns, em suas andanças pela França quando estudante já tinham ouvido falar do anarquismo; enquanto outros estudam-no aqui mesmo. Contam-se entre os pioneiros o doutor Fábio Luz, o farmacêutico Avelino Foscolo, doutor Ricardo Gonçalves, doutor Benjamin Mota, doutor Reinaldo Frederico Greyer, doutor Martins Fontes, doutor José Oiticica, jornalista Domingos Ribeiro Filho, escritor Lima Barreto, professora Maria Lacerda de Moura, professor Moacir Caminha, Doutor Orlando Corrêa Lopes, e revelando-se muitos autodidatas brilhantes.

O solo fértil absorvia bem as novas idéias sociais e, em particular, o anarquismo, que germina rapidamente entre os trabalhadores que chegavam ao Brasil com as cabeças cheias de sonhos, de promessas e encontravam pela frente uma burguesia feroz como nos seus países de origem.

O proletariado percebeu que não bastava o crescimento do Brasil, a industrialização, o progresso e a "implantação da modernidade". O homem não é um conjunto de fichas catalogadas de quem se regula o futuro dos movimentos e ações. A massa, da qual tanto se fala, ainda é força balofa e amorfa, tão do agrado dos líderes políticos. O ser humano, mais cedo ou mais tarde, tem de lutar contra a sua alienação e exploração, sob pena de se negar e se deixar destruir por sistemas que ele mesmo inventou, alimentou e aperfeiçoou em seu próprio prejuízo.

Todos os regimes conhecidos não fizeram outra coisa senão cultivar os germes

das guerras, alimentar elites, hierarquias, ambições, a ganância, a inveja, o ódio, a vingança, a violência e o crime! Por processos diferentes, os governos vivem dos motivos que transformaram o Homem no maior inimigo do Homem.

**O despertar do nosso século**

Em seu número de 4 de fevereiro de 1900, num artigo intitulado A Greve dos Cocheiros, fala dos "dias 15 e 16 de janeiro de 1900 que pareciam uma revolução. Os exploradores sabiam que cerca de 25.000 explorados se declaravam em parede..."

Em São Paulo, o Dr. Benjamin Motta inicia em 1898, a publicação da revista de sociologia O Libertário e O Rebelde.

Logo no virar de 1900 aparece o Avanti, socialista, direção de Vicente Vacirca. Teve três fases em 12 anos de vida e na última foi seu diretor Teodoro Menicelli.

Em 7 de março de 1901, começava a publicar-se em São Paulo o jornal anti-clerical e libertário A Lanterna, dirigido pelo Dr. Benjamin Motta. Saíram 60 números, e depois parou. No dia 17 de outubro de 1909, recomeçou a publicar-se sob a direção do anarquista Edgard Leuenroth. Durou até 1916 (7 anos, e 293 números). E, em 13 de julho de 1933, ainda tendo como diretor Leuenroth, foi editado até 1935.

No ano de 1903, apareceram em São Paulo La Rivolta e O Libre Pensador (1-6-1903). Seu diretor, Everardo Dias, escrevia e falava como anarquista, circulando com interrupções até 1914.

No Rio de Janeiro, publica-se Brasil Operário no dia 13-1-1903, com a colaboração do gráfico português e poeta Constantino Pacheco; além de O Chapeleiro (1-5-1903) e A Federação, (10-7-1903), órgão da Federação das Associações de Classe.

Ainda no mês de setembro de 1903, circula no Rio de Janeiro A Greve, redigido por Elísio de Carvalho na rua do Riachuelo, nº 209. A partir do terceiro número passou a ser dirigido por Francisco Pausilipe da Fonseca e a redação mudou para a rua Gonçalves Dias, nº 67, 2º piso. Sob a influência da propaganda deste periódico formou-se a União dos Operários Estivadores, a Voz do Marmorista, órgão do Centro dos Operários em Mármores e O Trabalhador, revista anarquista, com redação na rua do Cotovelo, nº 17-B, e a colaboração de Mota Assunção, Guarani, Elísio de Carvalho e Maria de Oliveira.

No ano de 1901 chegou a São Paulo o Dr. Gregório Nanianzeno Queiroz de Vasconcelos, que ficou conhecido pelo pseudônimo de Neno Vasco. Tinha uma vasta cultura, idéias anarquistas e dominava vários idiomas. Após alguns contatos com libertários portugueses, italianos e brasileiros, começa a publicar no dia 10 de outubro de 1903, O Amigo do Povo. Periódico quinzenal, anarquista, com redação na rua Bento Pires, nº 25 e viveu até o número 63.

Neno Vasco, o diretor de O Amigo do Povo, desencadeou uma grande polêmica com os acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, propendendo à simplificação da ortografia portuguesa, que continuou, depois, no jornal anarquista A Terra Livre, de São Paulo.

Pela fronteira do Brasil com o Uruguai entrava clandestinamente, alcançando São Paulo, o anarquista italiano Oresti Ristori. Após contatos com anarquistas imigrantes, no dia 26 de janeiro de 1904 começa a publicar o semanário La Bataglia,

auxiliado na redação pelos também anarquistas italianos Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai. A partir do número 335 e 8º ano, La Bataglia passou a ser dirigida por Gigi Damiani e Alessandro Cerchiai. Do número 367 em diante, trocou o título para La Barricata.

Nesta mesma cidade, em 1904, Ernestina Lésina inicia a publicação da revista Anima e Vita, para defender o socialismo e a mulher. Ainda em São Paulo, e também em 1904, publicam-se O Chapeleiro, (1º de Maio), em julho Il Púrgelle; em 11 de setembro Miséria, jornal operário e em novembro Emancipação, órgão da Liga de Artes Gráficas.

Em Maceió, edita-se O Trabalho, dirigido por Virgínio de Campos. No Rio, sai a Gazeta Operária, o jornal anarquista O Libertário, com direção de Carlos Dias e Manuel Moscoso, Força Nova (23-4-1904) e O Trabalhador. Cria-se a revista libertária Kultur (março de 1904), tendo como diretor Elísio de Carvalho e colaboradores Erasmo Vieira, Juan Mas y Pi, grupo que, com outros libertários, funda a Universidade Popular, na rua da Constituição, nº 47, um sobrado, que era sede do Sindicato dos Pintores, comprometidos com uma campanha contra a Indústria da Seca, chamando atenção para a fome dos nordestinos, "vítimas de grandes secas até 1904".
O governo havia encomendado uma lei para expulsar "agitadores estrangeiros" (gente com idéias emancipadoras, diga-se!), ganhando a cidade a partir de 1905 com o nome de "Lei Adolfo Gordo".

Apesar dos ataques do governo, em 1905 publica-se O Artista e O Trabalhador Gráfico (7-5-1905) em São Paulo.

Neste mesmo ano, em novembro, começa a publicar-se o jornal anarquista A Terra Livre, com sede na rua Santa Cruz da Figueira, nº 1, dirigido por Neno Vasco e com a colaboração do espanhol Manuel Moscoso, administrado pelo jovem Edgard Leuenroth. A partir do número 33, A Terra Livre, mudou-se para o Rio de Janeiro, na rua Sete de Setembro, nº 7 tendo como administrador José Romero. O diretor continuou Neno Vasco. "Morreu" no número 62, quando Neno Vasco regressou a Portugal, após a implantação da república naquele país, em 5 de outubro de 1910.

Em São Paulo, foi fartamente distribuído o manifesto contra os assassinatos na Rússia, na Praça de Inverno (1905), subscrito por oito militantes dos mais ativos, sendo uma mulher, surgindo O Grito Del Pueblo.

No Rio de Janeiro começa a sair Novo Rumo, jornal anarquista dirigido por Joel e Maria de Oliveira, depois Luis Magrassi e por último Mota Assunção. Teve sede na rua Senhor dos Passos, nº 82 e depois na rua do Hospício, nº 210, 1º andar.

## Sindicatos, congressos operários e reivindicações

Os trabalhadores, que tinham inicialmente agrupado-se em Irmandades, começaram a construir aos poucos seu movimento autônomo. Os sindicatos e as associações profissionais portadoras de idéias libertárias crescem por todo o Brasil e realizam seus primeiros congressos.

O Primeiro Congresso Operário Brasileiro começou no dia 15 de abril de 1906 e terminou no dia 20. Foi palco desse evento o Centro Galego, na rua da Constituição, no Rio de Janeiro. Além de mais de dezena e meia de teses discutidas e aprovadas foi

decidido publicar-se o jornal A Voz do Trabalhador, que só pode sair em 1908, sob a direção do operário gráfico espanhol Manuel Moscoso.

Neste encontro, foram discutidas calorosamente todas as teses, prevalecendo a concepção anarquista do sindicalismo. Daí por diante formaram-se sindicatos, uniões, federações e a Confederação Operária Brasileira. O sindicalismo reformista e possibilista dava lugar a um novo movimento operário de cariz revolucionário que, sem desprezar as reivindicações econômicas imediatas, introduziu novos objetivos como a instrução e a capacitação profissional, a cultura de seus associados através do esperanto, do conhecimento da história social e da filosofia. O jornalismo, o teatro amador de contestação e a poesia, eram alguns dos meios usados pelo movimento operário para construir a sua própria cultura, tendo por meta o ideal social de autogestão Seu objetivo era provocar a derrocada do Estado, acabar com o regime de pobres e ricos, de exploradores e explorados, para reconstruir em cima das ruínas do velho sistema burguês uma Sociedade Nova, autogerida, onde todos tivessem direitos e deveres iguais. Estes temas começaram a ser frequentemente tratados na imprensa operária e social, tornando-se uma verdadeira escola para os trabalhadores ligados a este sindicalismo autônomo.

Dentro desta dinâmica revolucionária de emancipação social, cultural e humana, realizaram-se o Segundo Congresso Operário Brasileiro, em 1913, no Centro Cosmopolita do Rio de Janeiro, e os congressos Anarquistas Sul-Americano, de 18 a 20 de outubro de 1915, e Internacional da Paz, de 14 a 16 de outubro de 1915, ambos também no Rio de Janeiro (Praça Tiradentes, nº 71, sobrado), e o Terceiro Congresso Operário Brasileiro, em 1920.

Em São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, os sindicalistas revolucionários efetuaram mais de uma dezena de congressos estaduais para explicar e pôr em prática as teses aprovadas nos congressos de 1906, 1913 e 1920.

## Reflexos do fuzilamento de ferrer no brasil, o teatro operário e a imprensa libertária

O Anarquismo imprimiu uma revolucionária interpretação de vida no seio das camadas assalariadas em geral. Quem não gostou desta evolução emancipadora dos trabalhadores foram a Igreja, a Burguesia e os políticos.

Na América e na Europa, governantes (em alguns países empurrados pela Igreja Católica Apostólica Romana) infringiram baixas sangrentas nas fileiras do proletariado que, por sua vez, periodicamente, respondia à violência com atos isolados de contra-violência.

Em 1906, explode a primeira tentativa de silenciar o renovador do ensino na Espanha: Francisco Ferrer y Guardia. Não deu certo, mas a Igreja espanhola não desistiu de seu intento. Forja e/ou provoca atos de terrorismo. O pusilânime monarca espanhol chama seus juriconsultos, mobiliza policiais civis, militares, carcereiros e carrascos, e o fundador da Escola Moderna, fundada em 1901, com ramificações na Europa e na América, é preso, condenado e fuzilado no Castelo de Montjuich, em Barcelona, no dia 13 de outubro de 1909.

Os anarquistas tocaram a reunir! Denunciaram a trama na sua imprensa, atraindo aos comícios alguns estudantes e intelectuais e o proletariado em peso. Realizaram passeatas, discursaram em praça pública, atacaram as embaixadas e os consulados espanhóis em vários países, mas a Igreja não se intimidou e o rei de Espanha autorizou o fuzilamento de Ferrer, convencido por seus confessores de que matando o idealizador da Escola (ensino) Moderna matava a idéia.

Não obstante o crime hediondo com o propósito de intimidar, as escolas racionalistas proliferaram em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e noutros estados do Brasil com menos intensidade.

Antes do fuzilamento, já fora fundada, em 1904, a Universidade Popular na sede do Sindicato dos Pintores do Rio de Janeiro e, em 1915, nascia a Universidade Moderna em São Paulo, por iniciativa de Florentino de Carvalho, um anarquista de origem espanhola.

Para sustentar dezenas de escolas livres, fundadas por operários anarco-sindicalistas e anarquistas, o proletariado formou grupos de teatro social e, enquanto fustigava a burguesia, a Igreja e o Estado com suas peças revolucionárias e anti-clericais, distribuía anarquismo aos espectadores, conseguia recursos financeiros para ajudar as escolas, operários desempregados, doentes, além de presos por suas idéias, e ainda publicava prospectos, folhetos e jornais.

São produto desse ativismo inconformista jornais como A Luta Proletária, empastelado durante a greve da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, quando foi ferido o poeta e anarquista Ricardo Gonçalves e três trabalhadores mortos. Ou ainda La Lutta Proletária, La Birichine, A Internacional, O Trabalhador Livre em Alagoas. Em Campinas (1-5-1906) sai A Voz Operária, (1-5-1906) órgão da União dos Trabalhadores Gráficos, chegando, com algumas interrupções, até 13 de janeiro de 1920, dirigido pelo anarquista Virgílio Pessagne.

Com altos e baixos, de 1907 a 1922, publicaram-se A Guerra Social, Rio de Janeiro, anarquista; A Luta, Porto Alegre, anarquista; Germinal-Barricata, São Paulo, dirigido por Florentino de Carvalho, anarquista, 17-11-1913; A Rebelião, São Paulo, anarquista, Florentino de Carvalho, 1º de maio de 1914.

A Vida, uma revista que saiu no Rio de Janeiro, direção de Francisco Viotti e José Oiticica, anarquista, 1914; Na Barricada, revista e jornal (com o mesmo título), Rio de Janeiro, anarquista, direção do engenheiro Orlando Corrêa; Tribuna do Povo, Alagoas, libertário, 1916; A Semana Social, Recife, 1917-1918, direção de Antonio Bernardo Canelas, ainda escrevendo e falando como anarquista.

Em São Paulo, no dia 6 de junho de 1917 começou a publicar-se A Plebe, anarquista. Chegou a sair diariamente em 1919, sofreu interrupções, empastelamentos de estudantes, processos policiais e viveu até 1947. Foram diretores (pela ordem), Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho, Rodolfo Felipe, Manuel Campos e Pedro Augusto Mota, este deportado e morto no Campo de Concentração do Oiapoque 1924-1926 por isso durante o governo de Artur Bernardes.

No Rio de Janeiro, o futuro dirigente comunista Astrojildo Pereira, (falando como anarquista) escreveu, editou e distribuiu Crônica Subversiva, com redação na rua do Senado, nº 215 que saiu no dia 1º de junho de 1918 e teve publicados 16 números. Depois foi ajudar José Oiticica a editar Spartacus, anarquista, 2 de agosto de 1919

(saíram 24 números, chegou a ser apreendido pela polícia).

Ainda no Rio de Janeiro, de 1915 a 1922, saíram, entre outros, os periódicos: O Gráfico, O Panificador, Voz Cosmopolita, Renovação (quinzenário sindicalista), dirigido pelo anarquista português Marques da Costa, expulso em 1925 pela polícia bernardista; O Metalúrgico, jornal A Voz do Sapateiro, O Alfaiate. Merece destaque especial o jornal diário Voz do Povo, órgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, que circulou em 5 de fevereiro de 1920. Representou um imenso esforço da classe operária, que pretendia ter o seu próprio jornal, independente, verdadeiro e legítimo porta-voz dos trabalhadores, sustentado até às últimas pela vontade de luta e pelo sacrifício de milhares de operários.

Foram seus diretores, pela ordem, Carlos Dias, Afonso Schmidt e Alvaro Palmeira. Diário anarquista, teve redação e oficinas na rua da Constituição, nº 12, 2º andar e terminou na Avenida. Rio Branco, depois de sofrer várias invasões policiais.

## A guerra de 1914-1918, a revolução popular de fevereiro de 1917 e a ditadura bolchevista de outubro na rússia

A guerra européia refletiu-se no Brasil pelo desemprego, gente trabalhando pela comida, comícios dos operários nas portas das fábricas com o propósito de pressionar o governo de Wenceslau Brás a autorizar a criação das "Feiras Livres" para vender alimentos diretos do produtor ao consumidor, isentos de impostos e livres de atravessadores. Neste período de fome no Brasil, explodiram greves de grande repercussão nacional e os governantes aproveitaram para prender, deportar e expulsar centenas de "agitadores estrangeiros", como foram batizados pela burguesia e a polícia, esquecidos de que essa mesma gente "agitadora" era a que estava ajudando o Brasil a dar seus primeiros passos rumo à modernização. E como ainda faz hoje, a polícia confiscou e se apossou de todos os pertences dos trabalhadores no instante em que eram enfiados nos porões dos navios cargueiros com a roupa do corpo.

Foi um período muito difícil com fome, desemprego, prisões e expulsões em massa. Assim mesmo, o proletariado do Brasil ainda acolheu o grito de desespero dos flagelados russos, principalmente os anarquistas do Rio de Janeiro, que haviam fundado o primeiro Partido Comunista Brasileiro em 1919 (que nada tem a ver com o futuro Partido Comunista, mas era um produto do entusiasmo dos trabalhadores libertários com a Revolução dos Sovietes) e publicado Spartacus. Desenvolveram uma campanha angariando o correspondentes a 990 mil marcos-ouro que, somados aos arrecadados por 22 países solidários totalizou 14 milhões de marcos-ouro, ao câmbio da época - dinheiro que os flagelados russos nunca viram. Na ocasião, publicou-se um número especial da Voz do Povo, organizado por Carlos Dias.

No Recife, em 1919-1920, publicou-se a A Hora Social, diário matutino, órgão da Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco. Depois passou a periódico e a polícia atacou os seus dirigentes, prendendo alguns e provocando a morte de Pedro Leça.

Lembramos também o O Extremo Norte, (1920) de Manaus; Jornal do Povo, (1918), de Belém do Pará; A Revolta, (1919) e A Voz do Trabalhador (1920); O Artista,

(1919) de Parnaíba, Piauí; A Sentinela, (1922) órgão da União Ferroviária do Nordeste; A Vanguarda, (1920) órgão da União Geral dos Trabalhadores de Pernambuco; O Escravo, (1920) órgão da Federação Operária de Alagoas; Voz do Operário, (1920) de Aracajú; O Operário, (1920) de Juiz de Fora; O Proletário, (1919) de Curitiba; O Nosso Verbo, (1919) anarquista, órgão da União Geral dos Trabalhadores da cidade do Rio Grande; O Sindicalista, (1921 e 1927) da Federação Operária do Rio Grande do Sul, dirigido pelo anarquista alemão Frederico Kniestadt e Orlando Martins, Porto Alegre.

Em São Paulo apareceram ainda: O Trabalhador Gráfico, O Internacional, O Grito Operário (da construção civil), O Metalúrgico, A Patuléia (em substituição a A Plebe, quando da prisão do diretor Rodolfo Felipe, 1920-1921, e A Vanguarda Operária, anarco-sindicalista. Além da Federação Operária, todos os anarquistas do Brasil se mobilizaram para angariar recursos para comprar máquinas e tirar um diário em São Paulo. Foi seu diretor o anarquista Edgard Leuenroth, ajudado pelo futuro escritor Afonso Schmidt e tinha como gráfico João da Costa Pimenta.

Em 1921, Edgard Leuenroth foi procurado na redação de "Vanguarda" pelo delegado da Terceira Internacional para os países de língua portuguesa e espanhola, Renison Soubiroff (na verdade, o suíço ex-pastor protestante Jules Humbert Droz). Como não encontrou Edgard, deixou um cartão com Afonso Schmidt. No dia seguinte, Leuenroth foi ao seu encontro no Palace Hotel, rua Florêncio de Abreu, nº 148. Identificando-se como Delegado da 3ª I. C., Soubiroff exibiu credencial, bordada em seda vermelha, dentro de forro na manga do casaco e convidou Edgard Leuenroth para fundar o Partido Comunista no Brasil. Leuenroth recusou e indicou-lhe Astrojildo Pereira. Chamou-o do Rio de Janeiro e fez as apresentações no mesmo hotel. Em março de 1922, um Congresso formalizava o nascimento do Partido Comunista Brasileiro.

Pouco depois, Edgard ficou doente, sendo internado num sanatório, e João da Costa Pimenta, num golpe típico dos leninistas, roubou o acervo, inclusive as "máquinas", entregando-as ao P.C.B., que nascia com sua ajuda, fundado por onze anarquistas e um socialista, deixando todos os libertários que contribuíram com seus tostões a ver navios...

Em janeiro de 1922, começou a publicar-se a revista Movimento Comunista, dirigida por Astrojildo Pereira, a primeira publicação orientada por uma ideologia leninista.

Pouco depois da posse de Artur Bernardes que importou o sindicalismo fascista da Itália, (posto em prática por Lindolfo Collor-Getúlio Vargas, a partir de 1930) ainda se realizou o 3º Congresso Operário Brasileiro, no Rio de Janeiro (1920), e publicaram-se jornais como Ação Proletária, órgão da Construção Civil (1921); O Onze de Novembro, (1921), dos Empregados no Comércio, São Paulo; O Protesto (número único de, 13-1-1921), em defesa do anarquista espanhol Manuel Campos, "cabeça da greve da Cia. Docas de Santos", expulso do Brasil, que voltou mais mais tarde para morrer no Rio de Janeiro. Em Petrópolis, no Rio de Janeiro, publicaram-se em 1921 Alvorada, O Tecelão e O Despertar. Em Niterói, editou-se o Boletim da Liga Operária da Construção Civil; em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no ano de 1921, começou a publicar-se a Revista Liberal, "em defesa do anarquismo e da Escola Moderna", dirigido por Polidoro Santos.

**A utopia libertária inquieta stalinistas e estremece as bases do estado brasileiro**

Em 1922, em São Paulo, além de jornais como a A Plebe, que vinha de 1917, e outros periódicos, saiu O Proletário e, no Rio de Janeiro, dirigido pelo português anarquista, Marques da Costa, O Trabalhador (10-6-1922).

A partir desta época, os comunistas começaram a levar a cabo sua política sistemática de infiltração e de assalto aos sindicatos livres ainda em funcionamento como os dos Sapateiros, Construção Civil e Tecelões (todos do Rio). Envolveram-se em luta corporal com os anarco-sindicalistas e anarquistas, e numa noite roubaram o acervo do Sindicato dos Sapateiros, na rua José Maurício. O desfecho foi o assassinato do anarquista Antonio Dominguez (sapateiro), do gráfico Damião, além de doze feridos, no sobrado da rua Frei Caneca, nº 4. Os "tchequistas" Pedro Bastos e Galileu Sanchez foram os autores dos tiros, e os autores intelectuais Astrojildo Pereira, Otávio Brandão, João da Costa Pimenta e o deputado pelo P.C.B., Azevedo Lima).

O governo de Artur Bernardes aproveitou as rebeliões militares de 1922 e 1924 e as divergências entre os comunistas e anarquistas para deportar opositores e libertários para o Oiapoque e expulsar outros. Fechou todos os sindicatos operários e proibiu os seus jornais de circular.

No Rio Grande do Sul, menos atingido pela ferocidade bernardista, continuou-se publicando O Sindicalista, e a Revista Liberal. A Plebe só pode voltar a sair a partir de 1927. A Lanterna resistiu até 1935.

Vargas, inspirado no modelo fascista de Itália, criou os sindicatos verticais, controlados pelo Estado.

Os comunistas e simpatizantes começaram a publicar, no dia 1º de maio de 1925, A Classe Operária; em 1927, A Nação, e A Marcha; em 1935 e em 1945, a Tribuna Popular. Outros periódicos defensores da "ditadura do proletariado" saíram na Bahia, São Paulo, Ceará, Belém, Goiás, Mato Grosso, Belo Horizonte, Porto Alegre, Aracajú, Vitória e Paraíba.

Os libertários tiveram como seu quartel-general, até 1935, a sede da Liga Anti-Clerical, no Rio de Janeiro (rua Teófilo Otoni). Mas, durante uma conferência de José Oiticica, agentes do P.C.B. que ali foram para tumultuar (Francisco Mangabeira e outros), não podendo levar avante o seu intento, telefonaram para a polícia e esta chegou rápido, para prender oito anarquistas e fechar o último reduto de resistência libertária, juntamente com o porta-voz o jornal A Lanterna.

No final da guerra, enquanto Prestes fazia acordos com o ditador brasileiro, o anarquista Moacir Caminha começava a publicar Remodelações (o primeiro grito dos libertários que logo ganhou eco com a derrubada de Getúlio). Depois apareceu Ação Direta, dirigido por José Oiticica. Em São Paulo, voltou a editar-se A Plebe, com Edgard Leuenroth-Pedro Catalo, e os jovens libertários do Rio de Janeiro publicam pequenos jornais como: Spartacus, Aurora, O Archote (Niterói), Revolta. Em São Paulo, Ação Sindical, redigido pelo gráfico português Alexandre Pinto, Vanguarda Socialista, além de outros.

A partir deste periodo vai esmorecendo o movimento sindical autônomo, vítima

de condições históricas adversas convergentes: a repressão fascistizante e o avanço da estratégia leninista nos meios operários, construída em cima de muita desinformação sobre os rumos que tomava a Revolução Soviética.

Com a transformação dos sindicatos em meros instrumentos do estado corporativo e de correia de transmissão do partido, a imprensa operária vai perdendo suas características básicas de espontaneidade, pluralidade, radicalidade libertária, tornando-se um mero repositório dos discursos políticos de direções burocráticas e de retrato das pequenas e domesticadas lutas por aumentos salariais.

A imprensa libertária reaparece esporadicamente nos períodos de menor repressão, mas o estado e seus partidários tinham obtido uma importante vitória, a imprensa operária autônoma desapareceu, junto com o ciclo do sindicalismo livre.

**Conclusão**

O estudo deste fenômeno que foi a explosão de uma imprensa operária, que alimentava uma contracultura libertária que tinha seus principais bastiões no Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Porto Alegre, ainda está muito longe de ser completo.

A própria pesquisa histórica em cima dessa imprensa é feita sem qualquer sentido de objetividade ou de verdade. Esses "historiadores", muitas vezes, o que não conseguem ocultar, falsificam, conseguindo o feito de passar por muitas décadas de movimento operário e imprensa social, quase sem lhe reconhecer a existência. Para eles, o movimento operário só passou a existir quando, de alguma forma, começou a ser domesticado pela burocracia do estado ou dirigido por essa vanguarda detentora da verdade histórica: o partido comunista.

E quando usam esse material, fazem-no com espírito de médico legista. Para eles, os jornais operários são cadáveres a dissecar para valorizar seus títulos acadêmicos. Valendo-se de jornais antigos, publicados com o suor dos trabalhadores e quase sempre com recursos retirados dos miseráveis salários destinados a sustentar seus filhos – que muitas vezes custaram-lhes perseguições e prisões –, estes "historiadores", invariavelmente, concluem o pré-concebido: "as idéias anarquistas não estavam adequadas à realidade brasileira", "a imprensa operária do começo do século só era lida por alguns imigrantes" etc, etc. E como se isso fosse pouco, dão colorações diferentes às idéias operárias, interpretam idiotamente o anarquismo para beneficiar as causas a que pertencem, conduzindo o leitor por falsos caminhos. Valem-se da teoria de que mentiras convencionais repetidas muitas vezes convertem-se em verdades, exatamente quando já não resta ninguém para contestar. Visa-se tornar fantasias de hoje em verdades de amanhã. E, partindo dessa previsão, procuram casar marxismo com anarquismo e sindicalismo político com anarco-sindicalismo.

Esses "escritores" e "historiadores sociais" ganham fama às custas do esforço dos operários e do movimento anarquista, cujos pais e avós ajudaram a destruir em terras brasileiras...

Dentro deste quadro que tentei pintar, não obstante ter consciência de que minha pesquisa está longe de esgotar o assunto, ainda acredito na sua utilidade. Espero que, os que querem conhecer um pouco mais da história do movimento operário e das idéias sociais no Brasil, possam usar este instrumento e buscar com seus

próprios olhos ler esses jornais, que foram o maior esforço até hoje feito no Brasil para produzir informação e cultura fora das mesas do Poder.

Numa época em que os mass media são centrais em relação à manutenção e conservação do status quo, é interessante constatar como é diferente o panorama no Brasil e no mundo. A imprensa operária, e os jornais alternativos quase não existem, são um mero e riscado espelho dos grandes jornais. Não se descortina espontaneidade, inconformismo, crítica ou a vontade de saber o que transpirava desses velhos jornais que começaram a circular por todo o Brasil a partir dos finais do século XIX.

Até por essa razão é importante conhecer e reler essa imprensa editada com sacríficio pelos trabalhadores no Brasil. Assim pensando, apresento por ordem alfabética os títulos que reuni, que são uma ampla relação dos mais importantes jornais sindicais, operários e de idéias sociais em suas várias correntes – agregando-lhes um pequeno apêndice com outras achegas.

## OS PEDREIROS DA ANARQUIA

Hoje meu encontro é com os *carregadores das pedras* que serviram para construir os alicerces, formar as bases do *palácio da anarquia*.[1]

No Brasil e / ou nos países europeus, asiáticos e africanos "exportadores" de mão de obra, nas últimas décadas do século XIX e em mais da metade do século XX, as escolas de alfabetização eram escassas, e para os filhos dos trabalhadores braçais, praticamente inalcançáveis!

As famílias pobres, (muito numerosas na época) aos 7 anos de idade, tinham de empregar seus filhos nas fábricas, nas oficinas, na construção civil e no comércio como ajudantes.

Salvo poucas exceções, sem receber ordenados, aprendiam ofícios à força de pescoções e outras violências físicas e psicológicas.

A alfabetização dos imigrantes e dos trabalhadores nativos, começava nos locais de trabalho, ouvindo seus companheiros, mais preparados e experientes, ler jornais sindicalistas e anarquistas, em voz alta, na hora do almoço, e fazer preleções, quando o ambiente o permitia. Depois iam assistir aos debates e palestras nas Associações de classes profissionais, e os mais aplicados participavam de cursos de alfabetização, profissionalizantes e de militância ideológica.

No Brasil as associações operárias, depois sindicatos, foram as escolas e as Universidades do proletariado!

Dir-se-ia que aprendiam simultaneamente profissões e o ler e escrever. E ainda sindicalismo, lutas de classes, anarquismo.

Seus redutos de resistência, (sindicatos) eram também escolas profissionais, de solidariedade, tornando-se ainda veículos de *ajuda mútua*, uma prática que servia para sustentar sedes quando um só sindicato não podia pagar o aluguel; para socorrer companheiros doentes, desempregados e presos; para custear publicações de boletins, jornais, opúsculos e até livros de idéias avançadas.

Entre as reivindicações dos assalariados estavam a redução da jornada de trabalho de 14, 12 e 10 para 8 horas diárias, seguros de acidentes no trabalho e na invalidez, das mulheres operárias poder ter seus filhos em casa e dispor de alguns dias para amamentá-los; lugar para comer nas fábricas, o fim do carrancismo patronal, espancamento de menores e até de mulheres, e melhorias salariais.[2]

Aos poucos, o proletariado compreendeu também que seus filhos iam trabalhar na idade em que deviam freqüentar as escolas (aos 7 anos de idade) entravam na adolescência, passavam a juventude e na fase adulta analfabetos como seus pais.

No Brasil a questão social era tão implacável com os assalariados quanto nos países de onde tinham vindo os imigrantes para desbravar e produzir a riqueza que faz deste país uma grande nação, (que só não é boa para todos os seus habitantes) porque existem políticos, gerados nas incubadoras das Igrejas e do Estado!

No 1º Congresso da velha A.I.T. (Associação Internacional dos Trabalhadores) realizado de 3 a 6 de Setembro de 1866, em Genebra, (Suíça), e nos subseqüentes de 1867, 1868, 1869 e 1872, os congressistas discutiram métodos racionalistas de ensino e educação que deviam ser postos em prática pelos trabalhadores para trabalhadores e

outros que o desejasse.

O *eco* do novo ensino e da escola nova, atingiu o proletariado na Europa. Chegou ao Brasil, nas cabeças dos imigrantes. E não obstante a demora, abriu novos horizontes ao produtor de riquezas, despertando a imaginação de muitos que não queriam ter deveres sem direitos, agitou esse entendimento nas associações operárias e nos locais de trabalho.

Seguindo os exemplos de seus companheiros europeus, os trabalhadores imigrantes formaram escolas racionalistas no Rio Grande do Sul, nos subúrbios do Rio de Janeiro, em São Paulo e em outras localidades do Brasil.

Inicialmente o propósito era alfabetizar operários (pais e filhos), e logo mais proporcionar-lhes conhecimentos gerais, sociologia, sindicalismo, anti-clericalismo; capacitá-los intelectualmente, inclusive com ajuda da Arte de Talma, desenvolvida nos teatros operários.

No Rio de Janeiro em 1904, e em São Paulo, 1915, também foram implantadas Universidades Populares e ministrados cursos profissionalizantes, sociológicos, envolvendo a emancipação social e a autogestão, em tempos idos, conhecida como ajuda mutua.

Exemplificamos na seqüência com os *pedreiros da anarquia*, residentes em Campinas, no ano de 1908, implantando *uma escola livre*, apoiada no documento (raríssimo) que se reproduz:

A Liga Operária de Campinas tomou uma iniciativa bem digna de simpatia, a aquisição de um prédio para o funcionamento da escola infantil que ora está em prédio impróprio e acanhado, procurando baseá-lo o mais possível nos modernos princípios pedagógicos.

A escola não deve ser um lugar de tortura psíquica ou moral para as crianças, mas um lugar de prazer e de recreio, onde elas se sintam bem, onde o ensino lhes seja oferecido como uma diversão, procurando aproveitar a sua natureza irrequieta e alegre, falando-lhe mais as suas faculdades e sentimentos, ao olhar do que ao ouvido, dedicando-se mais a inteligência do que a memória, esforçando-se por desenvolver harmonia e integralmente os seus órgãos.

A experiência, a observação direta, a recreação instrutiva serão muito mais favorecidos pelo professor que compreende a sua missão, do que as longas e fatigantes preleções e as recitações fastidiosas e sem sentido.

O que é verificável pelo próprio aluno, o que é demonstrável, claro, lógico para a criança, o que ela por si mesma descobrir ou desenvolver – isso será preferido a todas as divagações metafísicas ou filosóficas, a todas as afirmações impostas pela autoridade do pedante, que não pode senão favorecer a preguiça intelectual.

E por isso a escola não será religiosa nem anti-religiosa, não será política, não será dogmática, mas irá buscar a lição de coisas, a natureza vivida e provocada, ao vasto campo das ciências exatas, ao raciocínio espontâneo e fácil, os motivos de agradável estudo para as inteligências que desabrocham e da larga e salutar expansão para os organismos tenros.

Tal é o plano, tal o intuito que anima e inspira os nossos atos, esforçando-nos pela realização desse melhoramento, que até o presente não foi tratado com o devido

carinho, pela falta de fundos, que desaparecerão com a medida que acabamos de tomar, o lançamento de um empréstimo operário, para o qual esperamos o vosso apoio e ajuda trabalhadores.

**Regulamento**

Art. I – Fica criada entre os sócios da Liga Operária de Campinas e outras pessoas que queiram coadjuvar esta associação e sua escola, uma emissão de 2.000 ações, no valor de 5$000 cada uma.
Art. II – Estas ações receberão 3% anualmente de dividendos, sendo sorteadas quando houver fundos.
Art. III – Para garantia dos resgates e dividendos, a Liga, contribuirá com R $ 1:200$000 anualmente a título de aluguel do prédio, (100$000 por mês) pelo que se abriga.

**Das Ações**
Art. IV – As ações serão intransferíveis, podendo, porém, em caso de morte do acionista gozar todas as regalias delas:
§ 1º - A viúva do acionista, enquanto assim se conservar
§ 2º - A mãe do acionista, se for viúva, enquanto assim se conservar
§ 3º - Os filhos do acionista
§ 4º - Em qualquer dos casos dos § antecedentes, o herdeiro ou herdeiros estão sempre sujeitos ao expresso no art. IV, bem como os possuidores de ações legalmente constituídos, na falta destes.

**Do Fundo de Reserva**
Art. V – O fundo de Reserva constituir-se-á pela forma seguinte:
a) Pelo que se refere o artigo III
b) Pelas importâncias que os acionistas quiseram doar a escola ou a sociedade, com ofertas de ações ou dividendos destas.
c) Pelas ações e dividendos prescritos de acordo com o art. VI
Art. VI – Serão considerados prescritos os dividendos e ações que não forem reclamadas dois anos depois dos respectivos sorteios.

**Direitos e Regalias dos Acionistas**
Art. VII – Todos os acionistas estão em pleno gozo de seus direitos e fazem jus:
§ 1º - Os acionistas, membros da liga pelo que regem os Estatutos sociais.
§ 2º - Os acionistas externos não tem o direito de serem votados, a não ser para comissões especiais, que nada tenham a ver com a gestão da Liga.
§ 3º - Assistem-lhes os direitos de:
a) Participar das assembléias gerais, relativas ao que diga respeito a negócios das ações, podendo propor medidas, votá-las.
b) Requisitarem, por escrito, do Conselho Administrativo, permissão para examinarem os livros da escritura especial dos negócios das ações, na sede social e em

presença do Tesoureiro ouvir as devidas explicações.
c) Fazerem qualquer reclamação ou representação ao Conselho Administrativo.
d) Proporem o que julgarem de vantagem nas assembléias gerais, convocando-as, porém, em número nunca inferior a 30 acionistas.

**Dos Diretores**
Art. VIII – Os negócios das ações serão regido pelos mesmos conselheiros eleitos da Liga Operária, com as obrigações que já lhes são impostas nos Estatutos Sociais.

**Da Escrituração**
Art.IX – Haverá para os casos especiais deste Regulamento:
§ 1º - Um livro especial de registro de assinaturas dos acionistas, encimado com este Regulamento, descriminando neste livro o número das ações de cada um.
§ 2º - Talões numerados e rubricados pelo Contador e Tesoureiro, com as ações impressas, devendo cada portador deixar no canhoto respectivo sua assinatura ou autorização.
§ 3º - Livros ou quaisquer outras impressos auxiliares, a ordem do Conselho.

**Disposições Gerais**
Art. X – Todo o acionista, que assinar no canhoto do Talão das ações ou no livro especial, (art.IX § 1º), fica aceitando para todos os seus efeitos, este Regulamento.
Art. XI – A escrituração especial de quantias e quaisquer valores, fica a cargo de pessoa competente de conformidade com o art. IX e seus §, bem como o desempenho de expedientes e execuções de tudo que se refere este Regulamento ou for determinado por Assembléia Geral.
Art. XII – Seja qual for o número das ações ao portador, ou Possuidor, ou acionista tem direito a um único voto.
Art. XIII – Em Assembléia Geral é permitido o voto por procuração legal.
Art. XIV – Revogam-se as disposições em contrário.
Sala de Conselho Administrativo da Liga Operária de Campinas, em 22 de Agosto de 1908.
O Relator, José Fonseca.
O Secretário, Joaquim Ribeiro.
A Comissão: Max Stephan, José Piovesan, Carmine D. Abruzzi, Vittorio Maggalira, Ramon Duran.

Estes e outros *pedreiros da anarquia* projetaram, carregaram as pedras, fixaram-nas argamassadas com "anarquismo" umas sobre as outras simetricamente e, a obra ganhou forma, proliferou com maior ou menor intensidade em parte do território brasileiro, muitas vezes dificultada pelas autoridades que desejavam um trabalhador ignorante, submisso!

Foi uma penosa edificação interrompida periodicamente, pelos governantes, dispostos a impedir a emancipação social, cultural, e humana do proletariado.

Por força de uma educação libertária e de um aprendizado ideológico, o

Trabalhador realizou uma gigantesca obra, obrigando os poderosos e os políticos a alterar leis primitivas, tornando suportável, a mão de obra nas fábricas, nas oficinas, e a questão social entrou nos romances.

Como pensavam grande esses trabalhadores braçais? Se tivessem sido escutados hoje não estaríamos cercados de pobreza, favelas, drogas, violência, as casas de muralhas e janelas com grades como cadeias.

Dezenas, centenas de *pedreiros da anarquia* nascidos na Europa, na América e no Brasil aprenderam quase tudo que sabiam nas sedes dos sindicatos, dos Centros de Cultura Social, nos grupos de Teatro Libertário e/ou estudando em Escolas Livres, lendo a imprensa operária, acrata e exercitando seus conhecimentos intelectuais, exercendo ofícios vários, falando aos que sabiam menos e/ou tinham receio de demonstrar o que haviam aprendido na escola da oficina, na Universidade da vida...

Conheci e soube de Pedro Catalo, Jaime Cubero, Manuel Joaquim de Sousa, Manuel Silva Campos, Antônio Corrêa, Artur Modesto, Carlo Aldegheri, Serafim Cardoso Lucena, (tinha escola livre e abastada biblioteca em casa) José Sarmento Marques, (responsável pelo Jornal anarquista *O Despertar*, Rio de Janeiro, 1898), Pedro Matera (fundador do jornal *Liberdade*, 1917, da Escola Livre 1º de maio, inicialmente em Vila Isabel e depois em Olaria, Rio de Janeiro, década de 20); João Peres Boucas, Antonino Dominguez, Ricardo Cipolla, Afonso Festa (expulso em 1919), Daniel Conde, (diretor de *A Luta*, Porto Alegre), Antonio Orellana (livreiro do anarquismo, em S. Paulo, na 1ª década do século XX), todos operários *sapateiros*.

Muitos destes *pedreiros da anarquia*, falavam como Tribunos, defendiam idéias na imprensa anarquista e sindicalista. Outros escreveram poesias, opúsculos, livros (caso Pedro Catalo e Manuel Joaquim de Sousa), defenderam teses de muito valor cultural e libertárias em congressos. Foram diretores e escreviam em diários, semanários e periódicos. Redigiram peças para o teatro, foram excelentes atores / amadores.

Lembro e conheci operários marceneiros e carpinteiros; J. Marques da Costa (orador dos maiores que andou por Manaus, Pará e foi expulso do Rio de Janeiro em 1925, por falar no 1º de maio, na Praça Mauá, sem ordem da Polícia Carioca). Foi diretor / fundador da revista Renovação (1922 / 23) do jornal O Trabalho, Rio de Janeiro. Aqui trabalhou como jornalista contratado nos diários A Pátria, A Vanguarda e outros); Domingos Passos (O Bakunine Brasileiro, um dos mais ativos anarquistas e das maiores vítimas das autoridades brasileiras); Manuel Perez Fernandez (diretor do porta-voz dos marceneiros cariocas).

Expulso do Brasil em 1919, Perez foi para Espanha, esteve refugiado em Lisboa, em França, voltou a Espanha e foi condenado à morte nos anos de 1937 – 1939. Salvo por adido comercial brasileiro, voltou ao Rio de Janeiro, e em 1946, com Oiticica, Roberto das Neves e outros, ajudou a fundar Ação Direta: escrevia, falava muito bem (deixou um livro de Memórias inédito com E. Rodrigues).

Victorino e Luciano Trigo, José Oliva (o faz tudo em "Nossa Chácara"/Nosso Sítio), José Martins (autor de monumental obra histórica em dois volumes: História das Riquezas do Clero Católico e Protestante); Joaquim Moreira da Silva, poeta popular, cuja obra foi transformada em tese antológica com cerca de 600 páginas.

As marcas destes *pedreiros* aparece na imprensa operária, na anarquista e/ou em atividades de educação racionalista e ainda incomodaram intelectuais, muitos políticos e autoridades.

E fundaram a União dos Operários em Construção Civil, primeiro num quarto, em casa de família na rua Senador Eusébio, (ano de 1917) e depois num prédio com espaço para escola e grupo de teatro social, educando e preparando anarquistas e atores. Ficava na rua Camarim 119. Ensaiaram peças como "Gaspar, o Serralheiro", de Batista Machado, "Amanhã", de Manuel Laranjeiras, entre outras que sacudiam as teias de aranha dos "Casacas Velhas" do jornalismo, intelectuais e irritou a burguesia e as autoridades.

Ainda na construção civil, conheci Diamantino Augusto, José Augusto de Castro, Manuel Lopes, Rodozindo Colmenero (diretor de A Voz Humana); Vanâncio Pastorini, autor de opúsculos: como Cartilha Libertária, Luis Saturino, Augusto Godinho, Armindo Sarilho, Fernando Neves, Manuel Correia, Manuel Marques Bastos, Pascual Gravina, José Salgueiro, João Perdigão Gutierrez, (fundador do jornal "Dor Humana"), Francisco Fernandes, Albino Soares; soube de Eládio Cesar Antunha, e Antonio Julião (o cérebro da greve pelas 8 horas diárias em Santos) e quantos mais que deflagraram e orientaram greves, distribuíram manifestos, poesias revolucionárias, discursavam em comícios na praça pública, escreviam (e alguns dirigiam periódicos e distribuíam-nos nos locais de trabalho, dando inigualável colaboração no teatro anarquista (Pascual Gravina, Manuel Marques Bastos, José Augusto de Castro).

Os operários gráficos também escreveram livros, foram diretores de jornais e publicaram obras, participaram de congressos anarquistas, operários e pacifistas (contra a guerra, 1917); Carlos Dias (1º diretor do diário Voz do Povo, autor da obra Contra a Perpetuidade do Erro e da Mentira e outras); Antonio Alves Pereira (diretor de A Aurora, tradutor de O Estado e seu Papel Histórico, de Kropotkine, autor do volume O Proletariado Militante); Alexandre Belo (fundador de Ação Sindical, S. Paulo, 1958); Manuel Moscoso (diretor / fundador de A Liberdade e redator do Órgão da C.O.B., A Voz do Trabalhador, Rio, 1908, com Cecílio Vilar e outros); Polidoro Santos, (entre outros, fundou e dirigiu a excelente Revista Liberal, no Sul); Rosende dos Santos (publicou a revista Renovação, no Rio, 1905); Clemente Vieira dos Santos, Antonio Teixeira de Araújo e dezenas, centenas de operários ilustres, gráficos, jornalistas e carregadores das *pedras* para edificar o *palácio da anarquia*!!!

Foram ao mesmo tempo escritores, jornalistas, atores, oradores, contribuintes, distribuidores de imprensa pelo correio, de mão em mão, colaram nas paredes, foram presos, espancados e alguns expulsos.

Conheci e visitei o camponês Elias Iltchenco, em Erebango, Rio Grande do Sul. Veio da Ucrânia, conheceu o anarquismo, aprendeu sem mestre, português, espanhol e esperanto; os ex-camponeses Maria Valverde, Cecílio Dias Lopes, Diego Giménez, Aldino Agostani, Gumercindo Alvarez, Emilio Tesoro e Vicente de Caria.[3]

Soube ainda de militantes pintores como Gigi Damiani (autor de peças de teatro anarquista, expulso para Itália em 1919); José Romero, (expulso para Espanha em 1919. Esteve em Lisboa e retornou clandestinamente ao Rio). Foi um dos redatores de *A Terra Livre*, *A Lanterna*, e em Lisboa, de *A Batalha*: escrevia e falava bem; Rodolfo

Felipe (dirigiu *A Plebe* muitos anos), João Navarro, um grande colecionador de obras, inclusive da *Revista Blanca*, que me deu de presente. Damiani, Felipe e Romero foram dos melhores jornalistas operários que o movimento anarquista já teve.

Conheci e soube de operários barbeiros, Amílcar dos Santos, Adalberto Viana (bom poeta libertário) Daniel Montalvão, Zacarias de Lima, e empregados no comércio Adelino Tavares de Pinho,[4] Antonio Duarte Candeias,[5] Atílio Pessagno, Aquilino Massena, F. G. Sousa Passos, (autor de vários opúsculos e deixou uma excelente obra inédita *O Sentido Artístico do Anarquismo*) .

Pode juntar-se ainda outros *pedreiros da anarquia*, como Hilário Marques, (Caldeiro, fundador / diretor da revista *A Sementeira*, duas fases); Alexandre Zanella, José Rodrigues Reboredo (confeiteiro, tradutor de francês, espanhol e alemão); Júlio Gonçalves Pereira, João Castanheira, Joana Buelo (têxteis), Aníbal Dantas (correeiro), Virgílio Dall' Oca, (taxista), Federico Kniestedt (vassoureiro, diretor de *Aktión*, *Der Freie Arbeiter*, *Alarm* em alemão, e em português, de O Sindicalismo e deixou textos para o volume *Memórias de um Imigrante Anarquista*, 157 páginas, Rio Grande do Sul.

Conheci pessoalmente Rafael Fernandez, amolador de tesouras e facas, em Porto Alegre. Nascido na Espanha veio menino para o Brasil. Nos últimos anos de vida muitos intelectuais iam na casa de Rafael, ouvi-lo falar, e só o conheciam como "El Paragüero". Ajudou a fazer *A Luta* (2ª fase) e vendeu jornais; também convivi com Margarida Barros, Virgínia Dantas, Elvira Boni, costureiras e soube de Teresa Nandes, Maria Rodrigues, Alfredo Vasquez, Alfaiate; Isidoro Augusto, marmorista; José Reis Segueira, corticeiro; Antonio José do Amaral, cocheiro; Balezário Pereira, carvoeiro e centenas e centenas de operárias/operários. Muitos nomes encontrei nas atas, na imprensa operária e no noticiário policial, acusados de subversão e só lutavam pela liberdade, pela Anarquia!!!

Estivadores como Manuel Campos, diretor de *O Protesto*, e algum tempo de *A Plebe*; o vidreiro Belmiro da Silva Jacintho, pescadores João Franco, e Jaime Rebelo; e o mineiro Valentim Adolfo João.

A maioria desses *pedreiros da anarquia* estudaram nos sindicatos e nos Centros de Cultura Social e aprenderam (sabiam) que Revolução é antes de tudo uma idéia, um sentimento, uma vontade cultural e sociológica; é trabalho e bem estar social distribuído eqüitativamente por todos, por cada um.

Que Revolução principia nos cérebros, evolui livremente fundamentada numa filosofia de vida generosa e positiva, baseada em sentimentos de solidariedade e ações que equilibram atitudes e movimentos, na harmonia que "funde" a natureza e o homem, que concebe e prepara personalidades profissional e emocionalmente para incorporar esforços e capacidades, caracteres bem formados, cidadãos tolerantes que aceitem seus companheiros como são e não como queriam que fossem à sua imagem e semelhança, capazes de produzir, participar, dar, receber.

Que Revolução consciente fomenta e desperta a grandeza de sentimentos, a solidariedade entre as pessoas, entre povos, cultiva todos os dias o Amor ao próximo, a Humanidade, com o mesmo carinho e seriedade como que cultiva a vida ao mesmo tempo em que demonstra que o anarquismo não é *estático*, evolui sempre até tornar o trabalho agradável para todos, cada vez mais produtivo, menos desgastante até a

perfeição.

Que Revolução começa em cada cérebro humano!!!

Nos *cinco* volumes de *Os Companheiros*[6] evocamos 582 militantes (não consegui os nomes de todos os colaboradores) e destes menos de 2% eram intelectuais. Dos mais de 98% de trabalhadores braçais, de variadas profissões e ofícios, referenciados nos cinco volumes e neste texto, todos deram a sua colaboração ao anarquismo embasados nas idéias sindicalistas e libertárias.

Ainda assim estes artífices raramente são *notados* pelos que escrevem hoje revistas e livros, "demonstrando erudição acadêmica"...

E, no entanto, *pedreiros da anarquia* têm a sua História *escrita com suor lágrimas, sangue e fome*! Deixaram-na registrada em centenas de jornais, de manifestos, opúsculos, em atas, teses defendidas em Congressos libertários, alguns nas praças públicas e / ou nas portas das fábricas. E em certa medida acabaram com a ortodoxia política em locais de trabalho, em vigor nos anos 20 / 30.

*Deixar apagar pelo tempo e pelo silêncio dos que escrevem hoje* os construtores do *palácio da anarquia* é negar a *igualdade* do anarquismo.

***

A obra gigantesca dos carregadores de *pedras* no século XX, pretendendo edificar uma sociedade igualitária para todos, tantas vezes interrompida, e outras tantas "demolida" pelas autoridades irracionais,[7] usando leis que seus servidores (deputados e juristas) aprovavam para dificultar e punir com expulsões e prisões, sem julgamento aplicadas pelas mãos de seus policiais e soldados, "homologadas pela jurisprudência" brasileira de ilustres magistrados: coniventes e/ou silenciando, em forma de aprovação tácita.

Desde as últimas décadas do século XIX, e no começo do século XX, os governantes brasileiros anunciavam ofertas de emprego na Europa: queriam atrair mão de obra para "desmatar" e construir os 8.456.508 $Km^2$ de terras que formavam o espaço geográfico Brasil.

Segundo Elias Iltcheco, anarquista russo, residente em Erebango, Rio Grande do Sul, que veio ainda criança com seus pais para o Brasil, as promessas de uma vida paradisíaca eram anunciadas na Europa.

A realidade era outra, no Brasil, as famílias dos imigrantes ficavam meses amontoadas em barracões, passando todo o tipo de privações.

Nesses anos distantes 38% da superfície do Brasil era coberta por matas. Os estabelecimentos industriais andavam na "casa dos 13.336; a indústria açucareira era de 217.000 e a salineira de 25.400. A produção industrial da ordem de 2.987.176 contos[8]. A escala de desenvolvimento, para 13.336 estabelecimentos industriais existiam 648.153 estabelecimentos rurais.

Os trabalhadores fabris chegavam a 273.512 e os trabalhadores rurais, a cerca de 9.000.000. Entre os habitantes que viviam dos recursos da lavoura e os que viviam da indústria, as diferenças eram enormes.

A população do Brasil era da ordem de 30.635.605 habitantes[9].

A indústria ultrapassava a agricultura e precisava de operários para trabalhar nas fábricas de tecidos, e na construção civil. Salvo para cargas e descargas de navios nas docas de Santos, Rio de Janeiro e em outros portos de menor movimento de embarque e desembarque, o patronato queria mão de obra especializada para edificar moradias, estradas, carruagens, sapateiros, alfaiates, barbeiros, costureiras de roupas e sacos, gráficos, gente que soubesse fazer as quatro operações para o comércio, maquinistas, serviçais de hospitais, escolas (bem raras na época).

Atendendo a propaganda na Europa entre 1887 e 1957, chegaram ao Brasil 5.000.000 (cinco milhões) de imigrantes, sendo 32% de italianos, 30% de portugueses, 14% de espanhóis e 4% de japoneses.

Outras procedências como poloneses, franceses, japonesas, russos, ingleses e de países da América Latina, as quantidades eram menores e alguns entravam pela fronteira a pé.

Com a chegada dos egressos das fazendas às cidades em busca de trabalho agrava-se a pobreza e a questão social.

Quando a população do Brasil atingiu os 92.000.000 (noventa e dois milhões) de habitantes, 30.000.000 não tinham empregos fixos, as escolas não passavam de 12.801, sendo 34,7% públicas e 65,3% particulares; 55.430 professores, mais da metade leigos. Em 1950, existiam 1.538 jornais, 777 revistas, 499 boletins e folhetos, 68 almanaques. Segundo a Unesco, em 1965, as bibliotecas públicas eram de 5.577. Cerca de 40 milhões (1967/70) de seres humanos não tinham casas e o número de pessoas que não sabiam ler e escrever era imenso, inclusive imigrantes.

As rivalidades entre os trabalhadores no Brasil e os vindos de fora era grande: com os italianos e, maior com os portugueses (tinha dia de mata galegos), um pouco por conta da escravidão que os colonizadores lusitanos implantaram, embora essa *abominável escravidão* fosse igual à imposta em toda a América Latina, do Norte e África, e os imigrantes nada tinham com essa indignidade.

O patronato explorava os operários como se fossem máquinas ou produtos descartáveis, independente dos seus países de nascimentos.

***

Ignorando o que lhes esperava em terras brasileiras, os imigrantes ao encontrar-se com a realidade social e política, sentiam-se enganados pela propaganda dos agenciadores de mão de obra na Europa: *o Eldorado* que lhes haviam prometido era uma mentira capitalista! A Igreja e o Estado pelas mãos e os cérebros de seus preclaros fabricantes de leis, tinham uma imaginação fertilíssima para enganar e escravizar os trabalhadores na generalidade, penalizando mais os mineiros (vítimas da selicose), dos cafezais sujeitos à malária e os estivadores carregando nas costas sacas de 50, 100 e 150 quilos de grãos de café, laranjas, carnes congeladas e outros produtos, correndo das carroças estacionadas no cais, subindo e descendo estreitas pranchas de madeira até os porões dos vapores cargueiros ancorados nas docas de Santos. Nesta época as carroças que transportavam as mercadorias da estrada de ferro até ao cais não tinham estribos: os cocheiros corriam pelo chão segurando os arreios acompanhando o trotar dos cavalos, guiando-os.

Nestes serviços extenuantes o número de operários tuberculosos era alarmante em Santos. Diariamente procuravam o hospital da "Santa Casa" dezenas de trabalhadores votando golfadas de sangue pela boca[10] e morriam pouco depois.

Os imigrantes, principalmente, contestavam os exploradores de 16 a 10 horas, dia de trabalho, entre segunda e sábado, e aos domingos até meio dia, transformando gente de 30/40 anos de idade em velhos que logo logo descartavam.

Com o propósito de reverter esta situação, os imigrantes recorriam à ajuda mútua praticando o conhecidíssimo velho hábito de: *Um por todos e todos por um!*

Nesses anos distantes os operários rebelavam-se "esparsamente"...

Em Minas Gerais, os fundidores de ouro declaravam-se em "greve" no mês de julho de 1720.

Na Bahia, os alfaiates abandonavam o trabalho em 1782 e no Rio de Janeiro, no ano de 1791, os operários da "Casa das armas" deflagraram greve.

A questão social penalizava os egressos das fazendas e os imigrantes que ainda tinham contra eles a adaptação e muitos nem falavam português. A Igreja, sempre na vanguarda, como amortecedor servindo a burguesia e ao Estado, resolveu criar *a casa dos vinte e quatro* para associar, orientar, dominar os operários insubmissos.

Quem primeiro discordou foram os tanoeiros, cerieiros, ourives, lapidadores, cordoeiros e parte dos sapateiros não aceitando submeter-se à *casa dos vinte e quatro*, às ordens da Igreja[11].

Em Niterói, começa a publicar-se "O Anarquista Fluminense", no ano de 1835; em 1845 "O socialista da Província do Rio de Janeiro"; em 1847 aparece "O Proletário" em Pernambuco; no ano seguinte (1848) "O Grito Anarquial" e no Rio de Janeiro[12] ouve-se ao longe *A Voz dos Operários*.

A tiragem dessa imprensa socialista, libertária e de combate era pequena e saía quando podia. Não tinha subvenções nem as doações de universidades hoje para formar doutores. A distribuição era de mão em mão entre companheiros de ofícios, enquanto a Igreja Católica, sempre poderosa, apoiada pelo governo, pressionava e ainda "convenceu" alguns operários, como barbeiros de barbear, barbeiros de guarnecer espadas, fundidores de cobre, funileiros, serralheiros, forradores, douradores, bate-folhas, espingardeiros e cuteleiros adotar São Jorge como patrono de suas associações de classes.

Nesta ordem São Miguel "protegia" sete profissões; São Crispim, quatro; Nossa Senhora da Conceição, três; Nossa Senhora das Mercês, seis; Santa Justa e Santa Rufina, três; São José, cinco; São Gonçalo, cinco; Senhora das Oliveiras, cinco; Senhora das Candeias, quatro e Senhora da Encarnação, três, carpinteiros de móveis, entalhadores e coronheiros.[13]

***

Os brados de Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução Francesa ouvem-se ao longe. Os Congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores (1866), o impacto da Comuna de Paris (alguns refugiados pediram exílio no Brasil), e a declaração de greve geral em Nova Yorque (1871) anunciavam os novos tempos para o

proletariado. Produz *eco*, na Europa e na América, a greve geral de 1º de maio de 1886, resultando no enforcamento de 5 anarquistas em 1887, passando a história com o nome de Mártires de Chicago.

No Brasil, 1888 marcava a "libertação" oficial dos escravos e em 1892 publica-se, em São Paulo, o periódico anarquista *Gli Shiavi Bianchi* (em italiano), dirigido por Galileu Boti, e em italiano e português (1893) *L'Avvenire* e mais sete periódicos, divulgando anarquismo, sob orientação de imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, todos operários de mãos calejadas.

No ano seguinte (1894), na rua Líbero Badaró, 110, São Paulo, o anarquista Artur Campagnoli (fundador da Comunidade Libertária de Guararema) com meia dúzia de companheiros de idéias, reuniram-se para organizar as comemorações do 1º de maio no Brasil e foram presos por "sugestão" do Cônsul italiano (delação).

Quatro anos depois os operários Antônio Costa, Joaquim Ribeiro Guimarães e Antônio José do Amaral, cocheiros de profissão, de origem portuguesa, lideraram a greve da sua classe (1898) e a polícia prendeu-os[14], por atentar contra os "direitos da burguesia", ignorando os direitos dos trabalhadores.

Neste 1898, o *Almanaque de Pernambuco* publicou um *Decálogo dos Anarquistas* e estourou como uma bomba o livro *Anarquismo* de autoria do Juiz da Corte de Halle, Dr. Paul Eltzbacher[15].

Os "estilhaços" tiveram mais impacto na Europa, mas o Brasil também sentiu o "estrondo"...

*Os Pedreiros da Anarquia* vinham formando grupos e centros de instrução e educação libertária, "trabalhando as pedras" que ao longo do século XX suportaram perseguições, punições, leis encomendadas pela burguesia, seguidas de expulsões, deportações, prisões, torturas policiais[16]. E foi assassinado, em São Paulo, o anarquista italiano Polinici Mattei, no dia 20 de setembro de 1898, durante manifestações na praça pública[17].

O crescimento da indústria em nada melhorou a vida do proletariado: agravara-se pela avareza patronal, o desemprego e a repressão policial.

As necessidades do patronato de contratar empregados que soubessem ler e escrever também não mudou o panorama do analfabetismo: milhares e milhares de trabalhadores não sabiam ler, e os que sabiam, a maioria não faziam as quatro operações e muitos só assinavam o nome.

Para enfrentar a falta de escolas alfabetizadoras das camadas mais pobres brasileiras e, dos imigrantes que também não puderam freqüentar as escolas nos seus países de origem, os operários mais lúcidos e com algumas luzes de ensino, iniciaram a implantação de escolas livres, racionalistas, seguindo o exemplo do espanhol Francisco Ferrer y Guardia, nos anos distantes de 1901.

Dentro das Associações Operárias e depois sindicatos, nos Centros de Cultura Libertária, nas sedes dos grupos de teatro amador (muito desenvolvidos pelos anarquistas e socialistas) e, até fora destes, formaram-se escolas, com salas modestas, improvisadas, para alfabetizar os operários, e seus filhos, inicialmente e, depois prepararam-nos em cursos profissionalizantes, de sociologia, de jornalismo prático e de idéias anarquistas.

O sustento dessas salutares iniciativas era por cotizações voluntárias para quem não podia, e fixadas para quem tinha melhores condições salariais.

Todo o esforço direcionado no sentido de instruir e tornar cada operário um elemento produtivo, útil ao seu meio, capaz de se autogovernar sem chefes, enquanto ia ajudando e ensinando os que sabiam menos: eram aprendizes e professores ao mesmo tempo! Aprendiam ensinando conhecimentos gerais, sociológicos, história universal, conceitos de igualdade social e solidariedade humana.

Foram muitas as escolas livres, racionalistas em todo o Brasil. Exemplificamos essa iniciativa com os "Estatutos da Sociedade Pró-Ensino Racionalista" de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (1916).

> *A Escola Moderna destina-se à difusão do ensino racionalista*[18]*, isto é, procurará dar a todos um conhecimento exato da história, da ciência e da filosofia, de tal forma que, o homem, pelo livre exame, compreenda que é um valor positivo no seio da humanidade e que esta, pela perfeição moral, ética dos indivíduos, tenderá para um estado social de harmonia, justiça e liberdade, tão completo quanto mais completa e elevada for à educação de cada um.*

Embasando este intróito, lê-se no texto, Artigo 1º, parágrafos: "d) criará uma biblioteca de obras escolhidas, especialmente destinadas à educação e ensino das classes populares; e) procurará desenvolver entre o povo os *sentimentos de solidariedade e confraternização*; g) combaterá todo o preconceito religioso, científico, filosófico, político ou social que pretenda limitar o espírito investigador do homem".

Dentro das contradições políticas e intelectuais (hoje é pior!) os *pedreiros da anarquia* desenvolviam sua propaganda libertária, sustentavam embates com reacionários exploradores e com a experiência que iam adquirindo argamassavam uma obra gigantesca, reduto de resistência que sobreviveu todo o século XX, as investidas do patronato, da Igreja, dos governantes, às duas ditaduras, (1930/1945 e 1964/1985) estados de sítio, campos de concentração, tribunais militares e aos comunistas que a partir de 1922, passaram atacar seus companheiros da véspera, atropelando-os financiados pela 3ª Internacional de Moscou. Entraram no século XXI, contrariando as autoridades irracionais, das direitas, das esquerdas e as críticas de alguns acadêmicos.

***

Em nossa breve introdução, demonstramos o ambiente político e social encontrado no Brasil pelos *pedreiros da anarquia* e falamos de mais alguns[19] protagonistas de um século de lutas pela emancipação social que ganhou *voz*, formou *eco*, fez-se ouvir pela burguesia, a Igreja e os governantes, sacudindo-lhes as teias de aranha que anquilosavam os cérebros dos políticos, juristas e acadêmicos embalados nos cargos vitalícios, nos cartórios, ministérios, embaixadas, no parlamento, na

magistratura e outros...

E como nem antigamente e nem hoje se implantam cérebros sadios, abastecidos de lucidez suficiente para perceber que a questão social mais adiante ficaria incontrolável por força dos conflitos econômicos, classistas, empáfias culturais das camadas mais abastadas, recaindo o ônus dessa “cegueira política” sobre o povo marginalizado, mal alimentado, embotado pela fome má conselheira, analfabeto em sua maioria e/ou de poucas letras e menos raciocínio, vendo-se nesta deplorável demonstração os elementos do afogamento no alcoolismo, nas drogas entorpecentes, alucinantes, geradas na desigualdade, na discriminação, envolvendo disputas, etnias, nativismos, a violência, os atentados, as guerras intermináveis.

Para proclamar que não estavam de acordo com esse estado de coisas, *os pedreiros da anarquia* pleiteavam a redistribuição das riquezas naturais e das produzidas pelo trabalho produtivo de todos, em benefício de todos e de cada um.

E para demonstrar que também queriam a *paz*, três[20] anarquistas residentes no Brasil foram, em 1915, participar do Congresso Pró-Paz, organizado pelo Ateneu Sindicalista do Ferrol, Espanha. O alvo era a guerra de 1914-1918, mas quando entraram na Galiza, a polícia do rei Afonso XIII, a mesma que tinha prendido, maltratado e fuzilado o fundador da Escola Moderna em 1909, Francisco Ferrer, com ajuda de D. Antônio Maura e outros verdugos, prendeu os três delegados do anarquismo do Brasil e expulsou Deoclécio Fagundes (Theofilo Ferreira) e Astrojildo Pereira pela fronteira de Portugal, e assassinou João Castanheira.

A notícia do crime da polícia do rei Afonso XIII chegou rapidamente ao Rio de Janeiro e os anarquistas fizeram um estrondoso comício no Largo de São Francisco de Paula, seguido de passeata até a embaixada espanhola na então Capital da república brasileira.

Abriu a comício João Gonçalves da Silva e encerrou-o a operária têxtil, companheira de João Castanheira, Juana Bulle e o operário alfaiate de origem portuguesa, Joaquim Leal Júnior, um dos mais fluentes e vibrantes oradores do anarquismo no Rio de Janeiro.

No ano de 1920, quando o operário João Plácido de Albuquerque saiu do Pará para representar sua classe no “3º Congresso Operário Brasileiro”, realizado na rua do Acre, 19 – Rio de Janeiro, a polícia brasileira também o assassinou durante a viagem de navio.

Estas e outras baixas infringidas pelas autoridades não impediram que os *pedreiros da anarquia* continuassem a luta que fez história dentro da história geral em terras brasileiras. E foram tantos? Registramos hoje Alzira Werkauser (costureira), Aldino Agottani (camponês), Aurora Novoa Lozano (costureira), Alfredo Dusi (camponês), Antônio Gomes (tintureiro), Armando Bartolo (tecelão), Antônio Fernandes (canteiro), Aureliano Silva (pintor), Alexandre Zanella (metalúrgico), Antônio Silva Massarelos (estivador), Alexandre Azevedo (têxtil), João Rocco, Benedito Romano, Nicola Dalbencio, José Páparo, Justino Salgueiro, José Pazanini, Salvador Arrebola, Eduardo Peralta e Manuel Trubilhano, todos operários anarquistas.

Alguns escreviam na imprensa libertária, outros organizavam e sustentavam associações operárias, contribuíam para editar jornais, distribuíram-nos, pagavam

com seus tostões a impressão, aluguéis dos centros de cultura, das sedes de grupos de teatro libertário, compravam livros ácratas, formavam bibliotecas em casa, ajudavam uns aos outros em casos de desemprego, acidentes no trabalho e quando algum companheiro era preso, deportado ou expulso do Brasil por defender e lutar por suas idéias revolucionárias.

Dir-se-á que cada um dos nomes referenciados eram ao mesmo tempo produtores e carregadores das pedras para construir o *palácio da anarquia!*

Nessa obra edificadora trabalharam também Anastácio Gago (pintor), Adelaide Diz, Antônio José do Amaral (cocheiro), Atílio Gallo (chapeleiro), Antônio da Costa Carvalho (gráfico), Antônio Monteiro Júnior (tipógrafo), Antônio Napilinsky (sapateiro), Antônio Lopes (tecelão), Antônio Manno (barbeiro), Amélia Garrido, Antônio Correia Barbosa (carroceiro), Alcides da Silva (taifeiro), Aida de Morais (costureira), Anunziatta Miranda (têxtil), Belizário Pereira de Souza (carroceiro), Benedito Abreu (alfaiate), Belmiro da Silva Jacintho (vidreiro), Catalice Silva Greco (costureira), Clotilde Duarte (costureira), Pedro Monreal (barbeiro), Daniel Conde (sapateiro), Davina Fraga (costureira), Delfim José de Castro (pedreiro), Elvira Boni (costureira), Francisco Rubio (barbeiro), Francisco Diz (pedreiro), Francisco de Paula (marceneiro), Francisco Mércia (chapeleiro), Ferdinando D'Allô (funileiro), Francisco Peralta (pedreiro), Fritz Kock e Georg Sterbeck (tecelões), anarquistas, nascidos na Alemanha, por participarem de greve na Empresa Industrial Garcia, de Santa Catarina, foram presos, expulsos do Brasil em 13 de julho de 1920, sem "carregar as pedras" que se esperava deles...

***

Resumindo um século de serviços prestados pelos imigrantes, os *pedreiros da anarquia*, edificadores de pedaços do Brasil, produtores de alimentos, panos/roupas, calçados, construíram casas, estradas, pontes e carruagens para a burguesia, universidades para os acadêmicos, formaram associações e sindicatos para reunir seus companheiros de ofício, alfabetizar-se, e a centenas de filhos dos operários, e ainda disseminaram cultura sociológica, história social e anarquista.

No período de maior intensidade deflagrou 270 greves; realizaram 80 comemorações, 119 comícios públicos; 22 grandes passeatas de protesto e de reivindicação; 27 assembléias deliberativas de alto significado fundaram, dirigiram e sustentaram dezenas de escolas de alfabetização, artes e ofícios (além dos grupos de ensino avulso, periódico), chegaram a ter uma universidade popular (esta no sindicato dos pintores à rua da Constituição, 47, sobrado, no Rio de Janeiro, 1904, com ajuda de alguns intelectuais) e outra universidade em São Paulo no ano de 1915 (esta organizada pelo autodidata Florentino de Carvalho).

Ao todo realizaram 12 congressos estaduais para discutir e traçar os rumos do movimento operário; 7 nacionais e participaram de 5 congressos internacionais, sendo 2 no Rio de Janeiro, ano de 1915, 1 na Argentina, 1 no Uruguai, 1 no Ferrol, Espanha, 1 em França no final dos anos quarenta.

Aos anarquistas e anarco-sindicalistas coube a tarefa de formar 4 colônias experimentais, 14 comunidades de atividades diversas, 55 grêmios e centros de cultura

social, 99 uniões operárias, 4 alianças, 70 cooperativas de socorros mútuos, 1 confederação com mais de 150 mil trabalhadores filiados; 26 federações; 29 grupos anarquistas por afinidade; 59 ligas trabalhistas; várias bibliotecas; cerca de 200 sindicatos; 21 grupos de teatro social, libertários e escolas dramáticas, representando cerca de uma centena de dramas, comédias e realizaram 42 cursos de muito alcance instrutivo, cultural e profissionalizantes.

O autor contou, entre jornais operários e libertários, 5 diários[21], semanários, quinzenários, mensários e periódicos, revistas, volantes e prospectos de propaganda ideológica cerca de dois milhares[22], e salvo umas dezenas de exceções, inicialmente a maioria dos trabalhadores eram analfabetos e/ou só sabiam ler e escrever. Só uns poucos tinham boa cultura geral. E ainda formaram e dirigiram cerca de 20 pequenas editoras e grupos formados para publicar opúsculos, pequenos livros e panfletos, num total de meia centena.

Em meu livro *Rebeldias 2* registrei (e não foram todos!) 109 colaboradores na imprensa ácrata, e só em *A Voz do Trabalhador* (1908-1915), órgão da Confederação Operária Brasileira 48 militantes (homens e mulheres) anarquistas escreviam em suas páginas.

Nos anos 1910 e 1920 muitos operários já tinham vencido a falta de instrução das escolas oficiais e adquirido conhecimentos culturais invejáveis nos sindicatos, nos centros de cultura e nas escolas de teatro social, eram formados na universidade da vida. Escreviam poesias revolucionárias, romances, obras de idéias avançadas, de história, dirigiam jornais como se jornalistas profissionais fossem! J. Marques da Costa, João Perdigão Gutierrez, Manoel Moscoso, Lírio de Rezende, Cecílio Vilar, Rozendo dos Santos e Joaquim Mota Assunção, entre outros.

Joaquim Mota Assunção nascido em Portugal, cocheiro de profissão e depois gráfico, em 1903, lançou o jornal *O Protesto*, participou da Universidade Popular, de 1904, no Rio de Janeiro, escreveu peças de teatro e obras entre as quais, *Analfabetos Ilustres*, tudo ainda na primeira década do século XX.

Antonino Dominguez[23], Ricardo Cipolla[24] e Pedro Catalo falavam como tribunos e não eram os únicos!

Dos anarquistas foi a tradução do hino *A Internacional*. Desde 1901 vivia em São Paulo Neno Vasco, formado em direito pela Universidade de Coimbra. E foi ele quem traduziu a *A Internacional* na primeira década do século XX.

Em 1999, o plagiador promotor de justiça e professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Carlos Henrique Maciel, fez uma versão e registrou-a como dele alegando mentirosamente que em "língua brasileira" *A Internacional* não havia ainda sido traduzida.

Somando-se a gigantesca obra dos *pedreiros da anarquia*, já referenciada, à obra dos lutadores, a maioria esquecidos, foram os anarquistas os responsáveis pelas 8 horas de trabalho diário, descanso aos domingos e feriados, seguro de acidentes no trabalho, recebimento dos salários em dia marcado, em dinheiro (antes muitos patrões pagavam quando queriam e em vales para comprar comida, mais cara em suas lojas), a solidariedade que hoje se banalizou, os anarquistas agilizaram-na durante as greves, para ajudar companheiros desempregados e presos, publicar imprensa ácrata, fundar e

manter escolas e grupos de teatro, reunir fundos e prestar auxílio a companheiros doentes (nesses anos distantes não havia institutos), “preparar” operários na arte da linguagem, nos palcos dos sindicatos, e ainda servia como festas para dar um pouco de lazer/alegria a família trabalhadora. Contestaram na primeira década do Século XX o idioma português imposto pelos acadêmicos brasileiros (veja-se os jornais *O Amigo do Povo* e *A Terra Livre* – São Paulo, 1903-1910).

Lutaram e conseguiram abolição das agressões físicas a mulheres e aprendizes nas indústrias; a implantação de lugares para trocar de roupa e comer nas fábricas e oficinas, banheiros para os operários/operárias fazerem suas necessidades fisiológicas e lavar-se; recusaram pagar (tecelões e outros) os panos que estragassem e/ou ter de ficar com eles pagando-os.

E opuseram-se também às determinações patronais das operárias grávidas nas fábricas de tecidos ter de trabalhar até a hora do parto, ir em casa ter os filhos e voltar ao serviço com os recém nascidos dentro de uma caixa de papelão e colocá-los no chão, junto dos teares.

Foram ainda os responsáveis pela abolição do uso do chapéu, por ser anti-higiênico; dos açucareiros abertos nos botequins (antes serviam de repasto às moscas). Nessa época não existiam os frigoríficos e os anarquistas fizeram campanha para que carne e peixe só pudessem ser vendidos até as 14 horas (quem não o conseguia, depois dessa hora, vendia aos operários por menos da metade do preço fixado para que a saúde pública não jogasse as sobras fora). Os anarquistas bateram-se pela implantação do saneamento, contra o serviço militar obrigatório (em 1907 o português Joaquim Mota Assunção e o brasileiro Eloy Pontes), lançaram o jornal *Não Matarás*. Fizeram campanhas contra o armamento e as guerras, inclusive com postais “Guerra ou Guerra”; propagavam a procriação consciente (hoje família programada). Foram os anarquistas os primeiros a realizar bailes familiares para trabalhadores; proferiram conferências para operários; campanhas contra o alcoolismo e o tabagismo (cigarros-fumadores); combateram tenazmente a carestia da vida e conseguiram do presidente Wenceslau Brás, as feiras livres para vender diretamente os produtos sem impostos, durante a guerra de 1914-1918, e continuou... hoje depreciada.

Formaram a Editora Mundo Livre, por cotas, a nível de Brasil, em forma de cooperativa, fundada no Rio de Janeiro nos anos sessenta (publicando 5 ou 6 livros) e só acabou por força da invasão dos militares em 1969, durante a ditadura (1964-1985). E porque não falar: fundaram, e vive desde 1939 até hoje, *Nossa Chácara* e depois *Nosso Sítio*em São Paulo!

Não tenho a veleidade de pensar que registrei tudo que os anarquistas realizaram num século de atividades libertárias no Brasil. Mas posso assegurar que fizeram muito!!!

Agora que não existem mais militantes analfabetos para ensinar. Que a tecnologia é imensa se comparada com o antigamente: Internet, meios sofisticados de comunicação, e locomoção. E acadêmicos escrevendo teses de doutoramento usando a obra dos anarquistas, podem realizar simpósios, colóquios, discutir e fazer reparos, nem sempre justos, a obra dos operários de poucas letras, é oportuno lembrar que já entramos no século XXI, sem leis de expulsão, de deportação, nenhum anarquista

preso ou perseguido pelas autoridades e as igrejas "toleram-nos"...

O anarquista pensa em mais de 50 milhões (só no Brasil) de desnutridos, marginalizados, sem instrução suficiente, moradias dignas, ocupações profissionais; pensa nas diversidades humanas, numa educação e profissionalização racional, capaz de ajudar cada indivíduo a fazer o que pode e sabe, afim de obter da coletividade aceitação, tudo de que precisa. Pensa também e aceita cada ser humano como é e não como se queria que fosse, a imagem e semelhança dos mais preparados.

O anarquista terá de educar e preparar cada indivíduo para que este possa conviver em harmonia com as diversidades humanas, adotando a estrofe da *Internacional*: "não mais deveres sem direitos; não mais direitos sem deveres", ou então: "a cada um segundo as suas necessidades; de cada um segundo suas possibilidades".

Não podem esquecer que teremos de consolidar as bases humanas, grupos coerentes, anarquistas! Filiá-los em federações locais, regionais, nacionais formando um movimento de "alicerces" educacional e ideologicamente sólidos de baixo para cima.

De cima para baixo é política! E desta estamos todos fartos!

É, portanto, a hora de meter as mãos a obra, e sem desculpas de que existe uma grande diversidade de pessoas, fazer mais e melhor do que os *pedreiros da anarquia* fizeram durante o século XX.

**Notas**

[1] Esta denominação tomei-a “emprestada” do médico e anarquista Fábio Luz. Segundo este produtivo escritor e militante, após ler *Palavras de um Revoltado*, de Kropotkine, tornou-se um defensor do que chamava “O palácio da Anarquia, sempre de portas abertas para entrar e sair quem quisesse”.
[2] Os anarquistas não viam com bons olhos as greves por aumentos salariais, pois quase sempre originavam aumentos de custo de vida e eternizavam a pobreza. Os anarquistas advogavam o fim do salariado, patronato, e o trabalho em autogestão: o fim do Estado que seria também o fim do capitalismo.
[3] Italiano, anarquista, plantava cebolas em Sorocaba; deu aos seus filhos/filhas, os nomes de Anarquia, Progresso, Liberdade, Harmonia, Aurora, Círio, Germinal e Espártaco de Caria. Conheci Anarquia de Caria, companheira de João P. Gutierrez.
[4] Autor de vários opúsculos como *Quem não trabalha não come* e fundador/professor da Escola Moderna 2, São Paulo. Viveu dando aulas até ter fechada sua escola em 1919. Depois foi dar aulas de ensino livre no interior de São Paulo.
[5] Autor com Edgar Leuenroth do livro *O que é Maximalismo ou Bolchevismo*, 1919. Antônio Duarte Candeias usou o pseudônimo de Hélio Negro.
[6] O 1° e 2° volumes foram editados no Rio de Janeiro por Editores Associados, 1994, e o 3°, 4° e 5° pela Editora Insular, Santa Catarina, 1997.
[7] Distingo aqui “autoridade irracional”, invento dos servidores do Estado, expressão da violência, da desigualdade social, das guerras; da “autoridade racional”, formada pela razão, pela inteligência, pelo saber, pelo raciocínio refletido, humanista, igual para todos!
[8] Ver Pedro Calmon. *História da Civilização Brasileira*. São Paulo, Brasiliana, s.d.
[9] Idem.
[10] O médico Ranulpho Pratas, em seu excelente livro romanceado, *Navios Iluminados*, demonstra com detalhes minuciosos que no século XX, nas Docas de Santos, existia uma escravidão sangrando pulmões operários, em plena república brasileira.
[11] Ver Edgar Rodrigues. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil – 1675-1913*. Rio de Janeiro, Editora Laemmert, 1969.
[12] Idem.
[13] Idem.
[14] *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 16-3-1898.
[15] Um dos mais cultos anarquistas portugueses da Ilha da Madeira, o poliglota Adriano Botelho, confessou-me, em carta, que o primeiro livro que leu ao chegar em Lisboa, foi *Anarquismo,* do Dr. Paul Eltzbacher.
[16] No início do século XXI, com novas tecnologias, a internet, etc., os anarquistas acadêmicos e outros, até 2005, não saíram das avaliações da obra do século XX.
[17] Ver Edgar Rodrigues. *Os Companheiros – 5*. Santa Catarina, Editora Insular, 1998.
[18] Não é demais, hoje, dizer-se que enquanto o ensino oficial *fala à memória* e o aluno decora as matérias repetindo-as como um gramofone; o ensino racionalista (dos anarquistas) *fala ao cérebro*, à razão, à inteligência, ao raciocínio, despertando e desenvolvendo a opinião própria do estudante, sobre o que vê, ouve, é lhe ensinado,

formando uma personalidade pensante. No ensino oficial o aluno decora e repete o que ouviu; no ensino racionalista, o aluno pensa, define o que lhe ensinaram e forma sua convicção refletida, própria!

[19] Os operários militantes, sindicalistas revolucionários e anarquistas, em todo o território brasileiro, ultrapassaram a milhares e não cabem todas as suas realizações em dois textos. Um dia, quem sabe, voltarei ao assunto.

[20] Deoclécio Fagundes (Theofilo Ferreira), Astrojildo Pereira e João Castanheira.

[21] *Voz do Povo*. Rio de Janeiro, 1920; *A Plebe.* São Paulo, 1919; *Vanguarda Operária*. São Paulo, 1921; *A Lanterna*. São Paulo, 1901/1904; *A Hora Social.* Recife, 1919.

[22] Não tenho a pretensão de ter encontrado todos os títulos de jornais.

[23] Antonino Dominguez nasceu na Espanha. Operário sapateiro, anarquista, foi assassinado pelos "Rapazes da Tcheka", Pedro Bastos (Galileu Sanches) e Eusébio Manjon, orientados por Astrojildo Pereira, José Elias da Silva, João da Costa Pimenta, Octávio Brandão e o deputado pelo P.C.B. Azevedo Lima, na noite de 13 ou 14 de fevereiro de 1928, no sindicato dos gráficos, à rua Frei Caneca, 4, sobrado, Rio de Janeiro. Ver Edgar Rodrigues. *Os Companheiros*. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1994.

[24] Ricardo Cipolla, operário sapateiro, tornou-se um dos amigos do jornal *A Plebe*, e com outros, em São Paulo, formou o *Centro Libertário Terra Livre*, nos anos de 1921-1922, para angariar recursos para o jornal e organizou um espetáculo teatral no Salão Leal Oberdan no dia 31 de dezembro de 1922: um sujeito que andava entre os anarquistas e queria ser policial, espanhol de nascimento, Indalécio Iglesias, matou Ricardo Cipolla a tiros no palco, durante o baile que encerraria a representação teatral beneficente. Ver Edgar Rodrigues. *Os Companheiros*. Vol. 5. Santa Catarina, 1998.

## A COMUNIDADE LIVRE DE EREBANGO
## Imigrantes Libertários Russos no Sul do Brasil

Durante a monarquia, agenciadores de mão-de-obra publicaram anúncios na Europa propondo vantagens irrecusáveis aos trabalhadores rurais e artífices. Com o aval de Pedro II, a propaganda visava atrair operários qualificados para desbravar e promover o desenvolvimento do Brasil. Ofertavam-se terras e passagens a quem quisesse formar colônias agrícolas em nosso país. Alguns desses jornais chegaram à Rússia, invadiram o reino dos Romanoff, e, em 31 de dezembro de 1878, desembarcavam no Paraná centenas de camponeses vindos da Ucrânia e esperançosos de encontrar o Eldorado brasileiro.

Escrevendo sobre esses imigrantes, Lamenha Lins registra os desmandos então cometidos: "Amontoados na Vila Palmeira, sem possibilidade de se mexerem, pois lhes eram negados os meios de locomoção, os russos se levantaram e exigiram a repatriação, porquanto as terras que lhes impunham eram imprestáveis e más, conforme haviam verificado com instrumentos de sondagem e reagentes".

Dirigindo-se para o local, o imperador ordenou pessoalmente ao seu capitão-comandante que espetasse sua espada no solo, verificando então tratar-se efetivamente de terra sáfara e empedrada. Diante dos fatos, o monarca propôs "alimentar as 928 famílias, tudo às custas do Tesouro, durante dois meses", período em que se comprometia a providenciar novas terras para doação, de comprovada fertilidade, aos que quisessem permanecer no Brasil. Aos que se recusassem, propunha embarcá-los de volta, por conta do governo, ao país de origem.

Só 200 famílias permaneceram. A maioria viajou até Hamburgo e de lá para os Estados Unidos, fundando uma colônia no Estado de Nevada. Outras preferiram transferir-se para as povoações de Coronel Suárez, na Argentina.

Dos que ficaram, alguns foram trabalhar na colônia do Lago de Quero-Quero, entre Ponta Grossa e Palmeira, enquanto outros se dirigiram para Mariental, perto da Lapa. Na ocasião, o cultivo da erva-mate exigia a necessidade de transportá-la para outras regiões, o que acabou atraindo os imigrantes russos então disponíveis, que passaram a fazer o transporte pioneiro do mate em carroças cobertas de toldos de lona.

Deposto, Pedro II não teve tempo de constatar o fracasso ou o êxito dos colonos que para cá atraíra, mas como monarca exilado na Europa certamente deve ter sido informado de que seus sucessores deram continuidade à sua política de aliciar camponeses. Por volta de 1909, anúncios republicanos chegavam à Ucrânia. Já então ninguém se recordava ali do sofrimento que as primeiras levas de imigrantes tiveram pela frente ao desembarcar por aqui, em 1878. E novamente acreditaram nas promessas de uma vida paradisíaca no Brasil. Vinte famílias de camponeses ucranianos venderam tudo o que tinham e para cá embarcaram, com escala em Londres. Com eles viajava Elias Iltchenco, que me narrou pessoalmente as vicissitudes a que ficaria exposto com os camponeses seus parceiros nesta aventura que a luta pela vida obrigava.

Foi uma demorada viagem do sul da Rússia ao porto de Santos e deste a São Paulo. Os agentes republicanos da imigração levaram-nos para a colônia Paricuera-

açu, uma região em tudo oposta aos padrões de clima e trabalho a que os ucranianos estavam acostumados. Submetidos a um sofrimento atroz durante dois anos (miséria, doença, abandono), os imigrantes resolveram juntar os rublos que lhes restavam para, vendendo tudo o que sobrava, retornar à sua terra. Do porto de Eguapé, chamaram o cônsul russo. Queriam a repatriação imediata de todos, protestando que se sentiam enganados e traídos na sua boa-fé. E prometiam denunciar à imprensa européia os maus-tratos que tiveram de suportar.

Um acordo com as autoridades republicanas, temerosas da repercussão internacional do caso, propunha-lhes que permanecessem, mediante uma ajuda em dinheiro e nova oferta de teras, desta feita no Rio Grande do Sul, onde as condições climáticas se aproximavam mais dos seus costumes.

Foram então embarcados num cargueiro para Porto Alegre, onde permaneceram durante três semanas, amontoados num barracão sem o mínimo de suprimento e higiene. Levados depois para Erexim, hoje Getúlio Vargas, aguardaram mais algumas semanas em condições precárias, até que os burocratas da colonização procedessem com visível má vontade à esperada distribuição de terras. Embarcaram com algumas poucas famílias e demoraram semanas para voltar. Finalmente, apareceram para buscar as que ficaram, às quais distribuíram um ou dois lotes de terra de 25 hectares, de acordo como número de pessoas em condições de trabalhar.

Transportadas em carroças do exército, as vinte famílias de ucranianos foram despejadas nas matas de Erebango, sem recursos e sem mesmo saber como sair de lá. Nas terras de Erebango não havia nada além de bosques cortados por alguns riachos e pequenas planícies sem vegetação. Com a gleba, cada família recebeu 500 mil-réis em vales, foices, enxadas, mais um machado e uma serra para cada duas famílias. A falta de estradas e de transporte obrigava o esforço a pé para dentro dos matos. Sem comida e casa que os abrigasse das intempéries e dos ataques dos animais e sem um mínimo de assitência médica para fazer frente aos mosquitos transmissores de doenças, os imigrantes ucranianos tiveram ainda uma vez de recomeçar a luta pela sobrevivência. Elias Iltchenco lembra então que começava aí uma riquíssima experiência de apoio mútuo e solidariedade humana entre as famílias dos trabalhadores. Os mais hábeis cumpriam as mais diversas tarefas (na agricultura, no ensino, no aconselhamento do grupo, na assitência aos doentes, no sepultamento dos mortos), sem que isso significasse ascensão ou domínio sobre os demais.

Cultivava-se a terra, plantava-se e colhia-se tendo em vista a distribuição da prosperidade. As famílias se harmonizavam nos desmatamentos, na construção dos barracões, na abertura de vias e caminhos, na troca de sementes e de animais, nos partos, nos acidentes e nos tempos de seca. Foram três anos (1911-1914) de trabalhos árduos e de muita fome, período em que a saudade da Ucrânia muitas vezes fez aflorar a idéia de voltar ao chão de origem. Mas a terra que deixaram já não era a mesma, os bolcheviques acabavam de depor o czar e a perseguição aos anarquistas era cada vez mais ostensiva.

É por esse tempo que começam a chegar à colônia de Erebango exemplares do jornal libertário Golos Truda, da Federação de Trabalhadores Russos, com sede na Argentina, para onde os anarquistas fugidos e os imigrantes haviam se deslocado, até que, em 1919, a política portenha os obrigasse a buscar abrigo em Montevidéu. Nesta

última cidade publicaram por algum tempo a folha anarquista Robotchaia Misl, que deixou de circular logo que retornaram a Buenos Aires, onde retomaram o Golos Truda, que então reaparece como órgão da Federação Operária Russa Sulamericana.

Os camponeses de Erebango, ajudados pela imprensa libertária, começaram a aprimorar o senso coletivo de sua vida de trabalho. No campo, aprendiam uns com os outros. Todos eram a um tempo professores e alunos no cultivo das terras que iam dominando pouco a pouco. À noite, completavam à luz de vela o que a filosofia do trabalho coletivo exigia da consciência comum. Aprendiam e ensinavam português, espanhol, russo e esperanto, e assim se preparavam para a leitura dos jornais, revistas e livros anarquistas que a Federação dos Trabalhadores Russos enviava regularmente da Argentina para o Sul do país. Mais tarde, ampliando os contatos com a imprensa internacional, passaram a receber publicações anarquistas em idioma russo editadas no Canadá e nos Estados Unidos, encarregando-se de distribuílas aos imigrantes de todo o Brasil. Tanto assim que se constatou pouco depois, em São Paulo, a presença de camponeses que traziam livros de Tolstoi e de outros pensadores revolucionários russos usados em Erebango na alfabetização dos trabalhadores. Trabalhos de Alexander Berkman, Volin e principalmente de Emma Goldmann, incluindo exemplares do jornal Mother Earth, mesclavam também a essa literatura de informação que circulou pela colônia. Como bons ucranianos, os libertários de Erebango também lançaram mão dos métodos revolucionários de Nestor Makno, que tanto êxito tiveram na Ucrânia antes do massacre bolchevista comandado por Trotski. Informa-nos Elias Iltchenco que, a partir de 1918, os imigrantes russos do Sul já haviam dominado totalmente a terra e desfrutavam de uma situação econômica e pscicológica que lhes permitia locomover-se para divulgar em outras regiões os princípios anarquistas.

O grupo a que pertencia a família de Ilchenco desdobrava-se em quarenta filiados, que se espalhavam por Floresta, Erexim e Erebango. Sua atividade conjunta fez surgirem, em 1918, alguns organismos libertários importantes, como a União dos Trabalhadores Rurais Russos do Brasil, sediada em Erexim e integrada por quarente militantes, entre os quais se destacavam seu presidente Sérgio Iltchenco, o secretário Paulo Uchacoff e o tesoureiro Simão Poluboiarinoff; a União dos Trabalhadores Russos, com sede em Porto Alegre e presidida por Nikita Jacobchenco; a União dos Trabalhadores Rurais Russos, de Guarani, Campinas e Santo Ângelo, dirigida por João e Gregório Tatarchenco; e a União dos Trabalhadores Rurais, de Porto Lucena, de cujos dirigentes Ilchenco não recorda o nome, apesar de se lembrar com emoção de alguns dos mais expressivos militantes libertários russos no Rio Grande do Sul. Um deles é Demétrio Cirotenco, reverenciado ainda hoje como o homem que durante mais de vinte anos serviu de elo de ligação entre a União dos Trabalhadores de Erexim e a de Erebango e que durante a vida toda atuou na propaganda, distribuindo jornais e revistas anarquistas aos trabalhadores russos radicados no Brasil; o outro é o ucraniano Ossef Stefanovetchi, que cultivava uma barba à Kropotkin e militava como conferencista, professor, teatrólogo, jornalista e escritor. O próprio pai de Iltchenco que, segundo ele, usava o pseudônimo de Nikita Jacobchencom foi várias vezes secretário da União dos Trabalhadores Russos.

Ao pai e ao irmão mais velho Iltchenco confessa que deve o gosto pela leitura que

o iniciou na obra de clássicos como Tolstoi, Pushkin, Tchekhov e outros. Sem que se desse conta do fato, sua aplicação intelectual acabou contribuindo para que se convertesse num dos militantes mais expressivos da comunidade livre de Erebango, a ponto de ser hoje um elo visível da lição humanitária que os camponeses russo desenvolveram naquela região. É sobre a luta para a expansão do movimento libertário no Sul que ele se reporta com entusiasmo para reviver as etapas vencidas no trabalho coletivo, da luta pela emancipação de todos, da conquista da auto-suficiência em alimentos, do aprimoramento educacional do grupo e da auto-aplicação dos princípios anarquistas pelos membros da comunidade. E recorda ainda com orgulho o esforço com que os fundadores da colônia de Erebango se cotizaram para ajudar, através da Federação dos Trabalhadores Russos Sul-americana, o jornal Golos Truda.

Por essa época, os militantes de Erebango pensavam em organizar a Juventude dos Trabalhadores Rurais Libertários, ao mesmo tempo que tratavam de ampliar os contatos com as direções internacionais do movimento anarquista. Dos imigrantes russos da América do Norte recebiam o diário Amerikanskie Izvestia e a revista Volna. A partir de 1925 começaram a chegar, de Paris, exemplares da revista Dielo-Trouda que, de 1930 em diante, se mudaria para Chicago. De Detroit vinha, a partid de 1927, a revista Probuzhdenie, que em 1940 se associaria à Dielo-Trouda, formando uma só revista, sob o título Dielo-Trouda-Probuzhdenie, em circulação até 1963. Em 1922 chega a Erebango a notícia da expulsão dos anarquistas G. Maximov, P. Archinov, E. Jartchuk e A. Geselik pelo governo bolchevista e pouco depois a revista por estes publicada no exílio, Anarquistchesku Rusnik, de oitenta páginas. De São Paulo e Rio de Janeiro vinham A Voz do Trabalhador, A Plebe, Ação Direta, o Libertário, O Dealbar e O Protesto, que se juntariam às publicações de língua espanhola, incluindo os periódicos como Voluntad, La Protesta, Tierra y Libertad, Acción Libertaria e El Sol.

Toda essa produção da imprensa operária acabaria compondo um acervo estimável a que Iltchenco agregaria livros de Kropotkin, Bakunin, Emma Goldmann, Tolstoi, Netlau, Malatesta, J. Grave, A. Karelin e N. Makno, em sua maioria recebidos dos Estados Unidos, Canadá e Argentina. Afinal, foram mais de cinqüenta anos recebendo e distribuindo a doutrina anarquista, sobretudo a publicada em língua russa.

Diante desse material, que me foi doado em 1982, passam ainda os exemplos do grande libertário de Erebango que permanece fiel à doutrina até os dias de hoje. A lealdade para com o homem levou-me a distribuir parte de seus livros para alguns arquivos sociais que reputo dos mais duradouros. Outros aguardam ainda um próximo destino. Sua correspondência e memórias, no entanto, permanecerão comigo.

Elias Iltchenco não saiu de Erebango. Lá permanece tão revolucionário quanto o era em 1911, quando chegou. Sua obra anônima vale tanto ou mais que a de muitos heróis que a história oficial nos obriga a decorar nas escolas.

## CRONOLOGIA DO UTOPISMO E SOCIALISMO NO BRASIL

1794 - Nasce em Pernambuco José Abreu Lima, futuro general de Bolivar, filho do revolucionário Padre Roma, fuzilado em 1817 pela sua participação na Insurreição que aconteceu nesse ano.
1798 - Na Conspiração dos Alfaiates na Baía estão presentes as idéias iluministas e radicais que influenciaram a Revolução Francesa.
1808 - A corte portuguesa transfere-se para o Rio de Janeiro, fugindo do exército napoleonico.
1817 - Insurreição em Pernambuco influenciada pelas idéias republicanas francesas. Padre Roma é um dos agitadores.
1822 - Independência do Brasil.
1836 - Garibaldi , revolucionário italiano influenciado pelas idéias de Saint Simon, chega ao Rio de Janeiro iniciando uma permanência de doze anos na América Latina.
1839 - Benoit Jules Mure, declara-se fourierista.
1840 - Mure cria em França a Union Industrielle visando fundar um falanstério em Santa Catarina, Brasil e passa a divulgar seu projeto através do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro. Louis Léger Vauthier vem para o Recife assumir o cargo de engenheiro da Repartição de Obras Públicas.
1841 - Inicia-se a experiência do falanstério do Saí e do Palmital, em São Francisco, estado de Santa Catarina.
1844 - Borges da Fonseca fala das idéias de Fourier no jornal O Nazereno.
1845 - Mure edita no Rio de Janeiro o jornal fourierista O Socialista da Provincia do Rio de Janeiro. Vauthier mantém contatos com Mure e divulga no Recife o novo jornal bem como publicações fourieristas francesas. No livro *Melhoramento da Sorte das Classes Industriosas*, Lopes Gama fala de Saint Simon, Owen e Fourier.
1846 - Antonio Pedro Figeiredo publica, no Recife, a revista O Progresso, influenciado pelas idéias fourieristas de Vauthier. O engenheiro francês regressa ao seu país.
1847 - Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, que segundo alguns autores foi influenciado pelo saint-simonismo, começa a ganhar projeção com seus projetos industriais.
1848 - Revolução Praieira em Pernambuco com participação de setores progressistas influenciados por idéias socialistas utópicas. O jornal A Reforma exalta as idéias republicanas francesas e fala de Proudhon. Acaba a revista O Progresso, que foi influenciada por idéias fourieristas. Dr. Mure regressa a França.
1851 - Aparece em França o folheto *Imposto Progressivo* de autoria de Louis Legér Vauthier.
1852 - O jornal A União debate as idéias socialistas e fala de Proudhon.
1853 - O jornal O Brado do Povo, publica vários artigos sobre as idéias socialistas falando de Fourier.
1855 - O ex-general de Bolivar José Ignácio de Abreu e Lima publica o livro *O Socialismo*, no Recife, onde analisa as novas idéias.
1856 - Nasce em Pisa Giovanni Rossi.
1858 - Nasce em Sergipe Silvério Fontes um dos mais ativos militantes socialistas do

século XIX e pai do poeta anarquista Martins Fontes.
1859 - Morre pobre, em 21 de agosto, o intelectual mestiço Antonio Pedro Figueiredo o mais combativo e polêmico defensor de reformas sociais no Brasil que foi influenciado pelas idéias de Fourier.
1869 - O general Abreu Lima morre pobre no Recife, a Igreja impede que seja enterrado no cemitério católico sendo, por isso, enterrado no cemitério protestante.
1871 - Vários revolucionários da Comuna de Paris exilam-se no Brasil.
1872 - O jornal do Recife O Seis de Março, expõe as idéias de Karl Marx.
1873 - O jovem Rossi adere à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).
1874 - Nasce em Empoli, Itália, Oreste Ristori, um dos mais ativos militantes anarquistas italianos no Brasil
1875 - Rossi forma-se em veterinária na Universidade de Pisa.
1878 - É publicado em Milão a primeira edição de *Un Comune Socialista*, onde Giovanni Rossi expõe os princípios do socialismo experimental. Nasce em Portugal Neno Vasco um dos principais jornalistas e intelectuais do anarquismo em Portugal e no Brasil.
1881 - Nasce em São Paulo, Edgar Leuenroth, um dos mais conhecidos e ativos militante anarco-sindicalistas brasileiros.
1882 - Nasce em Minas Gerais José Oiticica ativo intelectual anarquista.
1883 - Rossi participa de uma cooperativa agrícola em Bréscia. Tobias Barreto, professor de direito no Recife fala sobre as idéias de Marx.
1885 - Rossi divulga no jornal La Favilla o projeto de uma comunidade socialista, desencadeando críticas de Andrea Costa e Errico Malatesta.
1886 - Rossi funda o jornal Lo Sperimental onde divulga suas idéias e o projeto de uma comunidade socialista. O jurista Clóvis Beviláqua expõe as diferenças entre as várias correntes socialistas.
1887 - Rossi participa da criação da Cooperativa Agrícola Cittadella. Nasce Maria Lacerda Moura militante anarquista individualista e precursora do feminismo no Brasil.
1888 - Morre o Visconde de Mauá. Abolição da escravatura.
1889 - Implantação da república pelo exército influenciado pelas idéias positivistas. Silvério Fontes divulga em São Paulo as idéias socialistas reformistas.
1890 - Rossi embarca, em 28 de fevereiro, para o Brasil com o primeiro grupo de anarquistas que viriam fundar a Colônia Cecília. O grupo chega a Palmeira, no Paraná, em Abril. Em novembro Rossi volta a Itália para formar um novo grupo para integrar a colônia. Nasce Astrogildo Pereira um dos mais ativos militantes anarco-sindicalistas do começo do século XX e futuro fundador do Partido Comunista.
1891 - Chega novo grupo à Colônia Cecília, desta vez integrado por famílias de agricultores. Malatesta critica a Colônia Cecília e as experiências comunitárias.
1892 - Novas famílias juntam-se à Colônia, desenvolvendo-se algumas atividades artesanais de carpintaria e sapataria. O jornal La Revolte publica em outubro um longo artigo sobre a experiência comunitária no Brasil. Em dezembro volta a publicar um outro artigo.
1893 - O beato António Conselheiro lidera no interior da Baía a cidade santa de Canudos, iniciando o principal movimento messiânico camponês do Brasil. Rossi deixa

a Colônia Cecília. Vários jornais anarquistas divulgam notícias sobre a experiência de desencadeia-se polêmica em torno das idéias de Rossi sobre amor livre. Em Livrono é publicada a primeira edição de *Cecilia, Comunità Anarchica Sperimentale - Un Episodio D'Amore nella Colonia Cecilia*.
1894 - Alguns jovens chegam à Colônia Cecília renovando a comunidade. A colônia vê-se envolvida na Revolução Federalista o que provocou a repressão. Só algumas famílias de agricultores ficam na região. Rossi vive em Curitiba, tal como outrso anarquistas da Colônia Cecília, vários deles participaram dos primeiros grupos anarquistas e da fundação de sindicatos no Paraná. Operários são presos em São Paulo quando organizavam o Primeiro de Maio.
1895 - Rossi trabalha como agrônomo em Taquari, no Rio Grande do Sul e escreve nova utopia *Il Paranà nel Secolo XX*. Famílias oriundas na Colônia Cecília instalam-se em Porta Alegre onde colaboram no desenvolvimento do movimento anarco-sindicalista.
1896 - Publica-se em Buenos Aires na Biblioteca de La Question Sociale, *Un Episodio de Amor en la Colonia Socialista Cecília*, traduzido por José Parat.
1897 - O exército massacra os partidários de Antonio Conselheiro, em Canudos. Rossi transfere-se para Santa Catarina, para trabalhar na Estação Agronômica de Rio dos Cedros, influenciando o surgimento da primeira cooperativa catarinense em Blumenau. Em Zurique Alfred Sanftleben publica *Utopie und Experiment*, que reúne os principais documentos e depoimentos de Rossi sobre a Colônia Cecília.
1898 - Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul realiza-se com a presença de anarquistas, alguns dos quais ex-participantes da Colônia Cecília.
1901 - Euclides da Cunha funda o Clube Internacional Filhos do Trabalho, em S. José do Rio Pardo. Os anarquistas começam a se publicar A Lanterna, o principal jornal anti-clerical brasileiro. Nasce Pedro Catalo ativo militante anarco-sindicalista autor de inúmeras peças de teatro social representadas por grupos operários. Nasce em São Paulo Maria Angelina Soares ativa anarquista e atriz de teatro social.
1902 - Congresso do Partido Socialista Brasileiro. Neno Vasco dirige o jornal anarquista O Amigo do Povo.
1904 - É fundado em São Paulo La Bagttaglia, jornal anarquista em língua italiana.
1906 - Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro define uma estratégia sindical anarco-sindicalista e decide criar a Confederação Operária Brasileira (COB).
1907 - Rossi retorna a Itália. O anarquista e esperantista francês Paul Berthelot chega ao Rio de Janeiro para participar do Congresso Esperantista e conhece Neno Vasco.
1908 - A COB começa a publicar o jornal A Voz do Trabalhador. Em Paris o ativo anarquista alemão, Friedrich Kniestedt, que viveu parte da sua vida no Brasil tomou conhecimento do projeto de austríacos, suiços e alemães criarem uma comunidade vegetariana no Brasil, em Ivaí, Paraná, decidindo juntar-se ao grupo.
1910 - Paul Berthelot morre em novembro, no Araguaia, no interior do Brasil, onde andava contatando povos indígenas e procurando um local para fundar uma comunidade libertária. Kniestedt visita em Ivaí, Paraná, o grupo de alemães e austríacos ligados a um grupo que editava em Graz, na Áustria, a revista Der Gerade Michel, que havia fundado uma comunidade comunista e vegetariana chamada Futuro

mas acaba fixando-se próximo à comunidade, tendo abandonado a região no ano seguinte depois de um conflito com políticos locais.
1911 - Kniestedt contata com duas novas famílias anarquistas que se vem juntar à Colônia Futuro.
1913 - Segundo Congresso Operário Brasileiro realiza-se no Rio de Janeiro, reafirmando a linha do sindicalismo revolucionário.
1915 - Os anarquistas organizam um Congresso Internacional da Paz, no Rio de Janeiro.
1917 - Greves agitam São Paulo. É fundado o jornal A Plebe.
1918 - Movimento grevista e insurrecional é desencadeado no Rio de Janeiro.
1920 - Realiza-se no Rio de Janeiro o Terceiro Congresso Operário. Greves pelas oito horas de trabalho no porto de Santos. Circula como diário anarquista o jornal A Voz do Povo. Ampliam-se os debates no movimento operário sobre os acontecimentos na União Soviética iniciando-se a separação entre anarquistas e comunistas.
1922 - O Partido Comunista é fundado no Brasil por um grupo de ex-anarco-sindicalistas.
1924 - Uma repressão violenta é desencadeada contra o movimento operário e vários militantes sindicalistas e anarquistas são enviados para o campo de concentração da Clevelândia, no Oiapoque, onde nos anos seguintes alguns morreriam, entre os quais o diretor de A Plebe, o gráfico cearense Pedro Augusto Mota.
1925 - A Coluna Prestes percorre vários estados brasileiros.
1932 - Os Quaderni della Libertà, publicam em São Paulo, em italiano, *Un Episodio d'Amore Libero nella Colonia Cecilia*.
1936 - O anarquista Oreste Ristori é expulso para Itália em pleno fascismo.
1937 - Começa o governo autoritário, do Estado Novo, de Getúlio Vargas inspirado no fascismo, que reprime violentamente o anarco-sindicalismo submetendo os sindicatos ao Estado.
1940 - O sociólogo Gilberto Fryere publica o *Diário Intimo de Vauthier*, junto com o seu estudo *Um Engenheiro Francês no Brasil*.
1943 - Morre, em Pisa, Giovanni Rossi.
1945 - Fim da ditadura de Vargas. Anistia a presos políticos. Morre no Rio de Janeiro Maria Lacerda de Moura ativa intelectual anarquista.